ALFAMA CURSOS

alfamacursos.com.br

Alfama Cursos

Antônio Garcez
Fábio Garcez
Diretores Gerais

Antônio Álvaro de Carvalho
Diretor Acadêmico

MATERIAL DIDÁTICO

Produção Técnica e Acadêmica

Patrícia Queiroz de Meneses
Coodenadora Geral

Patrícia Queiroz de Meneses
Coodenadora Pedagógica

Dijane Dias dos Santos
Autoria

Gabriella Caroline Teles Silva
Sabina Regina Conceição Santos
Revisão Textual

Rafael Rezende de Farias
Editoração

Todos os direitos reservados e protegidos pela Lei 9.610 de 19/02/98.
É proibida a reprodução total ou parcial, por quaisquer meios, sem autorização prévia, por escrito, da ALFAMA CURSOS.

alfamacursos.com.br

ÉTICA NA COMPUTAÇÃO

Apresentação do Curso

Nesta apostila você encontrará o tema Ética Profissional interagindo com fábulas de maneira inovadora, criativa e pioneira em 12 (doze) capítulos, mais exercícios e sugestões de interação. O desenvolvimento da sua aprendizagem acontecerá através de informações, interações e contextualização. Essa apostila foi elaborada com o intuito de ofertar conhecimento e atividades efetivas para o desenvolvimento das habilidades a serem apresentadas ao final do curso.

Parabéns! Você fez uma excelente escolha e bons estudos!

Apresentação do Professor

DIJANE DIAS DOS SANTOS é graduada em Letras – Português pela UNIT (Universidade Tiradentes), e especialista em Docência no Ensino Superior pela FTC (Faculdade de Tecnologia e Ciência).

Possui experiência profissional em coordenação de almoxarifado pela empresa Petrobrás, além de um 1º lugar no Concurso de Monografia da UNIT (2004). Palestrante na SEMPESQ – Semana de Pesquisa da Unit (2006) e Semana de Letras da UNIT (2006).

Têm as seguintes publicações: "A Experiência das Sextas Literárias: Universidade, Cultura e Interdisciplinaridade" (2004), e "As Representações Femininas no Início do Século XX" (2006).

Componente Curricular

OBJETIVO GERAL:

Desenvolver competências pautadas na ética, na condição de ser humano, cidadão e profissional.

Oportunizar conhecimentos básicos sobre ética a partir do comportamento que deve ser adotado nas empresas.

Discorrer sobre ações éticas no relacionamento interpessoal e profissional.

COMPETÊNCIAS:

Conhecimento dos princípios éticos de forma a adotar uma postura adequada no trato com a comunidade e com a equipe de trabalho.

Valorização do comportamento ético em questões que requerem sigilo profissional.

Comportamento baseado nas normas que orientam o exercício da profissão.

PÚBLICO-ALVO:

Jovens e adultos egressos ou concludentes do ensino médio completo que queiram desenvolver competências para trabalhar na área.

Índice

Capítulo 1 - Ética 9
1.1 - Contextualização 9
1.1.1 - Tornar aceitável o inaceitável 9
1.2 - Reflexão 10
2.1 - Tornar aceitável o inaceitável 10
1.3 - Conceitos-chave 11
1.4 - Moral da história 11
1.5 - Reflexões sobre esta fábula 11
1.6 - Exercícios propostos 13
Capítulo 2 - Moral 14
2.1 - Contextualização 14
2.1.1 - Ser o que se é 14
2.2 - Reflexão 15
2.2.1 - Ser o que se é 15
2.3 - Conceitos-chave 16
2.4 - Moral da história 16
2.5 - Reflexões sobre esta fábula 17
2.6 - Exercícios propostos 18
Capítulo 3 - Comportamento Humano 19
3.1 – Contextualização 20
3.1.1 – O retrato não corresponde ao fato 20
3.2 – Reflexão 21
3.2.1 - O retrato que não corresponde ao fato 21
3.3 - Conceitos-chave 22
3.4 - Moral da história 23
3.5 - Reflexões sobre esta fábula 23
3.6 - Exercícios propostos 24
Capítulo 4 - Comportamento Ético 25
4.1 – Contextualização 26
4.1.1 - O que está por dentro é lançado fora 26
4.2 – Reflexão 27
4.2.1 - O que está por dentro é lançado fora 27
4.3 - Conceitos-chave 28
4.4 - Moral da história 29
4.5 - Reflexões sobre esta fábula 29
4.6 - Exercícios propostos 31
Capítulo 5 - Na Família 32
5.1 – Contextualização 32
5.1.1 - Ver as coisas tais como são 32
5.2 – Reflexão 33
5.2.1 - Ver as coisas tais como são..... 33
5.3 - Conceitos-chave 35
5.4 - Moral da história 36
5.5 - Reflexões sobre esta fábula 36
5.6 - Exercícios propostos 37
Capítulo 6 - Na Sociedade 38
6.1 – Contextualização 38
6.1.1 - Ver as coisas tais como são 38
6.2 – Reflexão 39
6.2.1 - Ver as coisas tais como são 39
6.3 - Conceitos-chave 40
6.4 - Moral da história 41
6.5 - Reflexões sobre esta fábula 41
6.6 - Exercícios propostos 42
Capítulo 7 - Na Profissão 43

7.1 – Contextualização 43
7.1.1 - A traça não rói 43
7.2 – Reflexão 43
7.2.1 - A traça não rói 44
7.3 - Conceitos-chave 45
7.4 - Moral da história 45
7.5 - Reflexões sobre esta fábula 46
7.6 - Exercícios propostos 47
Capítulo 8 - No Trabalho 48
8.1 – Contextualização 48
8.1.1 - O plágio 48
8.2 – Reflexão 48
8.2.1 – O plágio 48
8.3 - Conceitos-chave 50
8.4 - Moral da história 50
8.5 - Reflexões sobre esta fábula 50
8.6 - Exercícios propostos 51
Capítulo 9 - Ética no exercício da profissão 52
9.1 – Contextualização 52
9.1.1 - O direito de ir e vir 52
9.2- Reflexão 53
9.2.1 - O direito de ir e vir 53
9.3 - Conceitos-chave 54
9.4 - Moral da história 55
9.5 - Reflexões sobre esta fábula 55
9.6 - Exercícios propostos 56
Capítulo 10 - Ética e Lei 57
10.1 - Contextualização 57
10.1.1 - Ajustar as velas do barco 57
10.2 – Reflexão 58
10.2.1 - Ajustar as velas do barco 58
10.3 - Conceitos-chave 59
10.4 - Moral da história 59
10.5 - Reflexões sobre esta fábula 59
10.6 - Exercícios propostos 61
Capítulo 11 - Técnico em Informática 62
11.1 – Contextualização 62
11.2 – Reflexão 63
11.3 - Conceitos-Chave 64
11.4 - Moral da História 65
Capítulo 12 – Ética e o Técnico em Informática 66
12.1 - Os 10 Mandamentos para Ética na Informática 66
Referências Bibliográficas 72
Bibliografia Sugerida 72

Capítulo 1 - Ética

1 - ÉTICA

Segundo FERREIRA (2000), ética é o estudo dos juízos de apreciação referentes à conduta humana do ponto de vista do bem e do mal; como também o conjunto de normas e princípios que norteiam a boa conduta do ser humano. Em outras palavras, a ética é a reflexão sobre o comportamento humano. É através da ética que se concebe o modelo do que é moralmente aceito. A formação de modelos (o modo como cada pessoa pensa, age, fala e etc.).

Na filosofia clássica, a ética não se resume ao estudo da moral, mas a todos os ramos do conhecimento como: antropologia, psicologia, sociologia, educação, política e outras ciências que tem como objeto de estudo o comportamento humano em sociedade, sua maneira de viver. Os filósofos nesta época entendiam a ética como o estudo dos meios de se alcançar a felicidade e investigar o que significa felicidade.

Para uns filósofos, a felicidade era a prudência, o prazer, a imparcialidade; para outros, consistia no estado de tranquilidade e de libertação da superstição e do medo que leva a ausência de sofrimento. Para outros, a felicidade é o prazer obtido pelo conhecimento, amizade, moderação e vida simples. Esse prazer é um estado de espírito constante, mesmo se nos alimentarmos simplesmente de pão e água. Enquanto para outros, a felicidade consistia em viver baseado na razão, aconselhavam a indiferença em relação a tudo o que ocorria ao redor. Devendo assim manter a indiferença perante as tragédias e alegrias.

Na Idade Média, a filosofia foi dominada pelo cristianismo e pelo islamismo, e a ética centralizou-se na moral. Tornou-se uma interpretação dos mandamentos e preceitos religiosos. Com o renascimento os filósofos redescobriram os temas éticos da antiguidade e a ética retomou a ação de estudar os meios de se alcançar o bem estar e a felicidade.

Na filosofia da contemporaneidade, com o surgimento dos mais diversos meios de comunicação e acesso ao conhecimento, a ética tornou-se matéria independente em busca de explicações que justifiquem os costumes de um determinado agrupamento humano; fornecendo embasamento para a solução de seus dilemas morais mais comuns, o ponto de vista do bem e do mal, do certo e do errado no desempenho dos papéis sociais.

A comparação das mudanças no comportamento humano é comum às três épocas nas quais a prática da ética apesar de não ter conseguido enquadrar todo o comportamento num único modelo, contribuiu e permanece contribuindo para a formação do indivíduo. As concepções de felicidade, os meios pelos quais se alcança a felicidade e a busca por respostas que justifiquem o comportamento humano permanecem.

1.1 – CONTEXTUALIZAÇÃO

1.1.1 - TORNAR ACEITÁVEL O INACEITÁVEL

"A racionalização é um dispositivo da mente que transforma vontades ou anseios em fatos fictícios supostamente reais. É quando usamos a inteligência para negar a verdade; é um procedimento íntimo que nos torna desonestos com nós próprios" (HAMMED[1]).

1 - Hammed é o nome do espírito ao qual o médium paulista Francisco do Espírito Santo Neto atribui a maior parte de suas obras psicografadas.

Vejamos o texto[2] abaixo:

A RAPOSA E AS UVAS

Contam que certa raposa astuta, quase morta de fome, sem eira nem beira, andando a caça de manhã, passou por uma parreira carregada de cachos de uva bem maduros, todos pendentes na grade que oferecia suporte à videira.
Mas eles estavam altos demais e a raposa não podia alcançá-los. De bom grado ela os trituraria, mas sem lhes poder tocar disse:

- Estão verdes... já vi que são azedas e duras. Só os cães podem pegá-las.

E foi embora a raposa, deixando para trás os cachos de uva, madurinhos e doces, prontos para quem por ali passasse e pudesse alcançá-los.

1.2 – REFLEXÃO

1.2.1 - TORNAR ACEITÁVEL O INACEITÁVEL

Uma raposa com muita fome sai à caça de alimentos. Por sorte, vê uma parreira carregada de belos cachos de uva maduros. Apressa-se e chega à videira para alcançar as frutas. Todo o impulso interior da raposa está direcionado instintivamente para o ataque repentino.

Inicia-se, então, a movimentação e, depois de várias tentativas, ela não consegue apanhar nem sequer um dos cachos. Reúne-se à fome instintiva uma estranha e nova sensação: a decepção, o desapontamento de não poder atender à sua necessidade básica. As sucessivas investidas são em vão, e uma certa atmosfera de incapacidade começa infundir-se no seu mundo mental.

Nesse determinado momento, a raposa, frustrada, pensa, reflete sobre o seu fracasso. Ela não quer ser considerada um animal falido ou derrotado. A propósito, uma crise existencial provoca mais danos internos do que uma necessidade biológica não atendida.

A princípio, a busca de saciar a fome estava totalmente circunscrita ao "estado físico"; depois, a ocorrência leva a raposa a entrar em contato com um conteúdo agravante e dificultoso que atingirá sua essencialidade. Antes uma façanha extraordinária; agora uma sensação de desestima e rejeição de si mesma. Que futuro a esperava daí em diante?

Ela não podia colocar a razão contradizendo os fatos reais. De agora em diante, estava em jogo a incoerência, a falta de nexo ou de lógica em sua casa íntima.

Mas, quando tudo parecia estar perdido, eis que a raposa põe as cartas na mesa, dá um "xeque-mate" e diz para si mesma: "Estão verdes... já vi que são azedas e duras. Só os cães podem pegá-las." Seu sistema mental precisava adaptar-se diante da frustrante e dura realidade, e daí tirou uma vantagem: fez uma afirmação contrária ao fato real, contou uma mentira para si mesma.

Admirável mentira (racionalização), uma conclusão que não condiz com a realidade, mas salva a estrutura íntima da raposa.

Racionalizar é inventar para nós mesmos uma história falsa. É um procedimento psicológico que permite a negação dos reais motivos, cobrindo as sensações desagradáveis que vivenciamos com justificativas equivalentes ou histórias similares.

2 - Esta obra está licenciada sob uma Licença CreativeCommons. Você pode copiar, distribuir, exibir, executar, desde que seja dado crédito ao autor original. Você não pode fazer uso comercial desta obra. Você não pode criar obras derivadas.

Do mesmo modo que a raposa inventou desculpas e álibis convincentes para manter o autorrespeito, nós também, os homens buscamos "boas razões", ainda que falsas, para nossas atitudes e fracassos; e criamos "explicações" altamente descaracterizadas para justificar nossa frustração.

Muitos racionalizam dizendo que falam mal da vida dos outros porque metade do mundo maldiz a outra metade. Na realidade, o que está subentendido nessa atitude é que gostamos de difamar ou desvalorizar as pessoas, porque quando fazemos isso nós nos sentimos pretensamente melhores, mais eficientes, mais capazes ou superiores perante os outros. Aí está à intencionalidade inconsciente ou não dos maledicentes.

A racionalização é um dispositivo da mente que transforma vontades ou anseios em fatos fictícios supostamente reais. É quando usamos a inteligência para negar a verdade; é um procedimento íntimo que nos torna desonestos com nós próprios. E, se não podemos ser honestos com nós mesmos, com certeza também não podemos ser honestos com nenhum outro indivíduo. Consequentemente, há uma ruptura ou violação no caráter da criatura. É uma forma de não expandir a consciência, e sim de desestruturar a individualidade do ser humano.

1.3 - CONCEITOS-CHAVE

a) Frustração

É a sensação de quem estabelece altos padrões e metas existenciais superlativas, mas não está preparado para aceitá-los com serenidade quando os resultados não atingem de imediato o alvo desejado.

b) Racionalização

É um mecanismo de defesa por meio do qual se utilizam motivos sensatos e racionais para pensamentos e ações inaceitáveis. Esse mesmo processo é o que faz uma pessoa apresentar uma explicação logicamente consistente ou eticamente aceitável para uma atitude, ação ou sentimento que lhe causa sofrimento moral. Disfarça os verdadeiros motivos tornando o inaceitável mais aceitável.

c) Expansão da consciência

A consciência não exclui nenhuma conquista anterior, pois ela se amplia quando se integram todos os conhecimentos adquiridos para além dos limites conhecidos. Provoca experiências transformadoras, intensas e radicais na criatura, quanto à sua visão de mundo e à sua forma de viver. Ela ocorre em consequência de uma decisão do indivíduo e o leva ao crescimento espiritual e ao despertar dos potenciais inconscientes, tais como sabedoria, aptidões, capacidades inatas.

1.4 - MORAL DA HISTÓRIA

Um julgamento inadequado pode ser uma forma de objetivar e de compensar nossos fracassos. Objetivar é um processo pelo qual o ser humano experimenta uma alienação de real natureza subjetiva, projetando para fora e construindo uma suposta realidade externa. Uma objetivação pode ser salvadora, como a raposa da fábula dizendo para si mesma "estão verdes", quando uvas maduras e apetitosas estavam fora de seu alcance. As objetivações são, portanto, formas que permitem ressignificar um fato mediante uma certa afirmação ou conduta que compensa uma frustração. É comum encontrar entre os homens aqueles que, tal qual a raposa, quando não conseguem realizar seus negócios, acusam as circunstâncias, ou mesmo, por não atingirem um intento, tendem a denegri-lo, diminuindo dessa forma a gravidade de seu insucesso.

1.5 - REFLEXÕES SOBRE ESTA FÁBULA

> Não basta que dos lábios gotejem leite e mel; se o coração nada tem com isso, há hipocrisia. Aquele cuja afabilidade e doçura não são fingidas, nunca se contradiz; é o mesmo diante do mundo e na intimidade; ele sabe, aliás, que, se pode enganar os homens pelas aparências, não pode enganar a Deus (ESE, cap. IX, item 6, Boa Nova Editora).

"O interesse fala toda espécie de língua e faz toda espécie de papel, mesmo a do desinteressado" (Hammed[1] *apud* La Rochefoucauld[3]).

1 - Hammed é o nome do espírito ao qual o médium paulista Francisco do Espírito Santo Neto atribui a maior parte de suas obras psicografadas.

3 - François, Duque de La Rochefoucauld (Paris, 15 de setembro de 1613 — Paris, 17 de março de 1680) foi um moralista francês, François VI, Príncipe de Marcillac e, mais tarde, Duque de La Rochefoucauld.

Recordando

Neste capítulo aprendemos que ética é a reflexão sobre as mais variadas condutas humanas. Que em épocas distintas os filósofos tiveram a intenção, a partir das próprias concepções e experiências, de resolver os dilemas humanos do ponto de vista do bem e do mal; como também interpretação dos princípios religiosos e por último, explicar e justificar o comportamento humano. Essas tentativas não conseguiram enquadrar o comportamento num modelo, mas influenciaram e permanecem influenciando a conduta humana.

SUGESTÃO!

Veja a ilustração do que já vimos até agora na Literatura de Cordel disponibilizada no AVA.

1.6 - EXERCÍCIOS PROPOSTOS

1) O que pretendeu a ética na antiguidade?

_____
_____
_____
_____

2) O que pretendeu a ética na Idade Média quando influenciada pelo islamismo e cristianismo e em seguida pelo renascimento?

_____
_____
_____
_____

3) O que pretende a ética na contemporaneidade?

_____
_____
_____
_____

2 – MORAL

Segundo FERREIRA (2001), moral é o conjunto de regras de conduta ou hábitos de indivíduos ou grupo de pessoas tido como correto. Regras estabelecidas e aceitas pelas comunidades humanas de acordo com a sua época. A moral tem por objeto o comportamento humano, a internalização e prática do que foi pensado pela ética. É o comportamento humano regido por regras e valores internalizados e expressados no comportamento. É o comportamento que revela ou expõe a moral de cada indivíduo.

As relações na família, no trabalho ou entre amigos baseiam-se num conjunto de regras tidas como certas ou erradas, adquiridas culturalmente ou através de instituições educacionais no decorrer da formação de cada ser humano.

O comportamento humano é regido por regras adquiridas individualmente e consideradas morais, ou seja, corretas, certas. Esses valores morais são cobrados rigorosamente pela sociedade e por todos os grupos nos quais o ser humano for capaz de se inserir. Contudo, algumas pessoas e profissionais, praticam o assédio moral.

Para falar em assédio moral é necessário pensar no conjunto de todas as práticas abusivas que possam comprometer o emprego, a integridade e trazer danos psicológicos. São ações repetidas que geram situações que tornam insustentável qualquer relação, convívio ou trato social por colocarem a pessoa em situações constrangedoras no ambiente de trabalho, por exemplo. Em geral, as pessoas que praticam o assédio moral são pessoas que ocupam cargo de chefia e abusam de seu poder ou posição. Porém, existem casos de assédio moral praticado por pessoas que não ocupam cargo de chefia.

O assédio moral praticado por pessoas que ocupam cargos de chefia se caracteriza nas ações baseadas no uso de palavras de baixo calão, de difamação, de grosseria, de rotulação negativa ou diminutiva quanto à capacidade intelectual. São atitudes que atingem o empregado ao revelar o interesse de prejudicar, na maioria dos casos o assediado chega a um quadro que compromete a saúde física e psicológica depois de excessivas repetições das agressões. Dor estomacal, ansiedade, insônia e estresse são apenas alguns dos problemas que essa falta de conduta dos chefes pode desencadear. A repetição desses atos que em geral atingem o empregado pode gerar processo, e se comprovado resultar em punições como pagamento de indenizações.

O assédio moral praticado por pessoas que não ocupam a posição de chefia é comumente praticado por pessoas que alimentam sentimentos destrutivos como a inveja. Geralmente suas vítimas são aquelas em evidência no local de trabalho por desempenharem suas atividades com mais qualidade, que alcançam metas e são constantemente premiados ou elogiados pela chefia. Igualmente ao assédio moral praticado por chefias, a prática do assédio por pessoas da mesma hierarquia está sujeito a processo e punição.

Nas duas situações as vítimas normalmente são pessoas que não partilham dos mesmos princípios morais do agressor, o que desperta neles a ira e a obsessão de destruir as vítimas como punição por serem pessoas de ideias próprias e personalidade forte.

2.1 – CONTEXTUALIZAÇÃO

2.1.1 - SER O QUE SE É

É necessário apreciarmos o que somos. Quando sentimos inveja, supervalorizamos a figura do outro e subestimamos tudo que temos e conquistamos. É preciso ser o que é. Nem colocarmos as criaturas, num pedestal, nem nos rebaixarmos à condição de capachos.

Vejamos o texto[2] abaixo:

A rã e o boi

Uma rã vê um boi que lhe parece muito belo por causa do seu porte avantajado.
Ao se ver tão pequena, pois o seu tamanho correspondia ao de um ovo, a rã, invejosa, começa a alargar-se, a inchar-se e a esforçar-se para igualar-se em grandeza física ao boi.

E, dirigindo-se a outra rã, perguntou-lhe:

_ Olhe bem, minha irmã! Já aumentei o bastante?
_ Absolutamente não _ respondeu a companheira.
_ E agora? _ insiste a invejosa. _ Já estou parecida com ele?
_ De maneira alguma _ confirmou a outra. A rã estufou mais um pouco e perguntou novamente:
_ E agora, então? Como estou?
_ Você nem sequer chega perto dele.
A rã idiota inchou-se tanto que estourou.

O mundo está cheio de pessoas insatisfeitas.

Todo marquês quer ter pajens como o rei os tem.

2.2 – REFLEXÃO

2.2.1 - SER O QUE SE É

Invejar o outro é reconhecer ou declarar abertamente ser inferior a ele. A inveja evidencia a mediocridade; o invejoso não suporta os atributos, condições e qualidades alheias.

Há inúmeras expressões metafóricas utilizadas quando nos referimos a esse sentimento: roer-se de inveja, a inveja dói contaminada pela febre da inveja, cego de inveja, a inveja queima ou envenena. Socialmente, existem muitas "rãs" que se arrebentam de inveja.

A inveja não está necessariamente associada a um objeto. Sua característica principal é a comparação desfavorável do status de uma pessoa em relação à outra. O invejoso sempre acha que o culpado pelo seu negativo estado de espírito é o sucesso do outro, e nunca ele mesmo.

É necessário apreciarmos o que somos. Quando sentimos inveja, supervalorizamos a figura do outro e subestimamos tudo que temos e conquistamos. É preciso ser o que se é.

Devemos ficar atentos à sensação de inveja, porque ela nos indica uma vocação inconsciente, um desejo reprimido.

A criatura invejosa ignora seu potencial, priorizando o crescimento alheio no lugar do próprio crescimento. Invejar não é somente querer ter o que o outro possui; é também tentar impedir que ele não tenha aquilo que conquistou.

2 - Esta obra está licenciada sob uma Licença CreativeCommons. Você pode copiar, distribuir, exibir, executar, desde que seja dado crédito ao autor original. Você não pode fazer uso comercial desta obra. Você não pode criar obras derivadas.

A literatura psicanalítica diz que o sentimento de inferioridade existente na intimidade do invejoso é uma manifestação de conflito entre o "eu real" e o "eu ideal", entre o que a criatura é e o que ela gostaria de ser; entre o que a criatura faz ou sente e o que ela pensa que deveria fazer ou sentir.

Inveja é uma tendência de privar o outro daquilo que lhe dá prazer. É querer destruir em outrem o que ele tem de bom porque nós não temos igual.

Podemos transformar a inveja em admiração. É muito benéfico e útil a nós mesmos essa mudança. Em vez de cobiçarmos o outro pelo que ele é, tentemos encará-lo como uma meta ou padrão a ser seguido.

No complexo de inferioridade, há um reconhecimento de fraqueza e inadequação, pois as pessoas que se sentem inferiores geralmente partem para uma busca inglória, uma postura competitiva interminável. Tentam eliminar esses sentimentos desagradáveis mostrando superioridade, sem medir esforços ou custos emocionais.

Certas "rãs" na vida social, por sentimento de inferioridade, quase sempre reagem diante do mundo exterior com atitudes de superioridade, acreditando serem "primas-donas" ou, no mínimo, pessoas portadoras dos melhores critérios de avaliação.

A inveja tende a produzir em nós a rebeldia. Pode ser entendida como um inconformismo a lei natural, como uma suposição falsa sobre nossa condição pessoal, como a impressão infundada de nos considerarmos "seres muito especiais", em vez de percebermos que podemos e devemos compartilhar com todos a diversidade existencial. É essa compreensão que nos proporcionará bons relacionamentos, sensação de completude e bem-estar.

2.3 - CONCEITOS-CHAVE

a) Aceitação

Aceitação não é adaptar-se a um modo conformista e triste de como tudo vem acontecendo, nem suportar e permitir qualquer tipo de desrespeito a nossa pessoa; antes, é ter a habilidade necessária para admitir realidades, avaliar acontecimentos e promover mudanças.

b) Complexo de inferioridade

A raiz do complexo de inferioridade é o vazio existencial que sentimos quando não somos aceitos pelos outros. Por isso, damos a mãos alheias o poder de decidir nossos caminhos e renunciamos inconscientemente a nossa capacidade natural de conduzir a própria vida.

c) Rebeldia

O rebelde está insatisfeito com o status que, por não saber como mudar o mundo íntimo, quer a todo custo mudar o mundo externo. Rebeldia sem direção, na melhor das hipóteses, é energia desperdiçada; na pior, pode tornar-se uma força autodestrutiva e socialmente perigosa.

2.4 - MORAL DA HISTÓRIA

Muitas vezes, esquecemo-nos de que a fonte para suprir as nossas necessidades está em nós, não nos outros. Cada criatura possui em si um continente de potenciais por descobrir. Feliz daquele que age como um desbravador da própria alma. Todo ser vivo tem suas peculiaridades; aceitá-las é prova de sabedoria. Nós somos absolutamente sós no mundo. Construímos e prosseguimos de modo contínuo, elaborando a cada nova encarnação um capítulo do livro de nossa existência. Só temos como referência as próprias experiências, ou seja, o acúmulo de nossos conhecimentos do presente e do pretérito. Na verdade, nós não podemos copiar do outro uma forma certa de viver, porque somente temos a

nós como bússola. Tudo o que fazemos, falamos e pensamos está revestido de nossas interpretações, clareadas sob o ponto de vista das vivências pessoais. Cada vida é única e extraordinariamente incomparável.

2.5 - REFLEXÕES SOBRE ESTA FÁBULA

> (...) Haverá maiores tormentos que aqueles causados pela inveja e o ciúme? Para o invejoso e o ciumento não há repouso; estão perpetuamente em febre; o que eles não têm e o que os outros possuem lhes causam insônia; os sucessos dos seus rivais lhes dão vertigem (...). (ESE, cap. V, item 23, Boa Nova Editora).

"Nossa inveja dura sempre mais que a felicidade daqueles que invejamos" (Hammed[1] *apud* La Rochefoucauld[3]).

1 - Hammed é o nome do espírito ao qual o médium paulista Francisco do Espírito Santo Neto atribui a maior parte de suas obras psicografadas.

3 - François, Duque de La Rochefoucauld (Paris, 15 de setembro de 1613 — Paris, 17 de março de 1680) foi um moralista francês, François VI, Príncipe de Marcillac e, mais tarde, Duque de La Rochefoucauld.

Recordando

O comportamento humano é regido por regras adquiridas individualmente e consideradas corretas. Essas regras são valores morais cobrados rigorosamente pela sociedade, mas transgredidas por algumas pessoas ocupando ou não cargos de chefia, que praticam o assédio moral. Nas duas situações as vítimas normalmente são pessoas que não partilham dos mesmos princípios morais do agressor que se vê diante de pessoas firmes em seus princípios.

http://marciosantos.co.cc/?p=1571

SUGESTÃO!

Avalie o quadrinho abaixo e tire suas conclusões a partir do que você já aprendeu até agora.

2.6 - EXERCÍCIOS PROPOSTOS

1) Analise a figura abaixo e estabeleça relação com o que você aprendeu no capítulo 2.

Fonte: http://cultoupop.com/assedio-moral-processo-%E2%80%93-trabalho.html

2) Como se caracteriza o assédio moral e por quem, geralmente, o assédio moral é praticado?

3 – COMPORTAMENTO HUMANO

O comportamento humano é a expressão das emoções geradas com os estímulos internos e externos de cada indivíduo. Por mais bem simuladas ou disfarçadas que sejam as emoções, em algum momento os resultados de tais atitudes virão à tona por serem as emoções geradoras de comportamentos. Segundo FERREIRA (2001), emoção é a perturbação do espírito, provocada por situações diversas e que se manifesta como alegria, tristeza, raiva e etc. Algumas emoções são básicas, por exemplo, prazer, tristeza, raiva e medo.

Independentemente dos estímulos, as reações emocionais têm escala de variação que vai da satisfação ao êxtase. Sendo que nesta escala está incluída a hierarquia das necessidades humanas expressadas através do comportamento. Sempre que se experimenta uma emoção, o aspecto mais impressionante é a sensação que ela produz de imediato, numa experiência de medo, raiva, depressão, satisfação ou alegria.

Além dos sentimentos subjetivos, devemos levar em consideração que as emoções refletem também as mudanças provocadas pelo comportamento imediato, por exemplo, lutar, fugir, calar, rir, chorar, bem como dizer as palavras correspondentes. Essas sensações expressam apenas algumas das muitas mudanças internas que ocorrem em resposta ao estímulo que provocou um estado emocional.

Os estímulos externos que causam as reações emocionais, o significado que se dá a essas reações e a maneira pela qual são expressas é resultado da aprendizagem e da hierarquia das prioridades humanas. Nessa hierarquia das necessidades humanas encontramos a seguinte distribuição: as primeiras necessidades, que são as fisiológicas (a alimentação, o sexo, o sono e etc.) formam a base da pirâmide; em segundo, a necessidade de segurança (estabilidade no emprego, extinção da violência e etc.), em terceiro, vem à necessidade de se relacionar (a família, os amigos e etc.), em quarto lugar vem à necessidade de qualidade (a quantidade já não tem tanto valor), e em quinto e no topo da pirâmide, vem à necessidade do comportamento moral que só vem no último estágio, depois de todas as demais prioridades satisfeitas.

Para OLIVEIRA (2007), comportamento humano é um tema complicado. Vou tentar abordar o assunto citando fatos e acontecimentos do nosso cotidiano.

O comportamento humano é estudado através dos tempos por filósofos como Platão, Sócrates, Sigmund Freud, entre outros. Na verdade poderemos tentar aqui explicar atitudes do ser humano que nem sempre são benéficas, portanto essa mesma palavra "Atitude", tema escolhido em um artigo passado, é a palavra com sentido contrário neste texto. A atitude de cada um de nós em determinadas situações, podem influenciar ou desencadear uma situação totalmente desconfortável, inóspita a si e aos outros também, podendo ocasionar, um desajuste no ambiente de trabalho. Por mais que tentemos justificar fatos e atos, não conseguimos achar uma explicação plausível, fica difícil esclarecer certas ações e situações. Costumamos dizer que o ser humano é uma caixinha de surpresa, você nunca sabe quando ele poderá ser ou não ser verdadeiro!

Em certas situações de nossas vidas, sempre procuramos estar dentro de um padrão, no qual achamos ser síntese de aprendizado através dos tempos, e que trazemos de nossos pais e avós, o que é ser correto, justo e verdadeiro sempre!

Um aprendizado! E muitos usam essa frase bem típica para essa ocasião, "Vem do berço", não é bem assim! Todo ser humano tem personalidade própria, que naturalmente vem com ele, se esse ditado fosse verdadeiro, não poderíamos usá-lo, pois o que diremos dos homens que vivem a marginalidade da vida atribuímos também a tal berço? Acho que não! Cada ser é um, não podemos atribuir aos antepassados deste, sua atitude presente. Seria uma

injustiça aos pais dessa criatura, pois em muitos casos estes são trabalhadores humildes que defendem seu pão de cada dia, e jamais em determinado momento de sua vida achou que seu filho criado dentro de seus padrões normais de humildade e honestidade, fosse enveredar por caminhos tortuosos. Para esses pais, foi uma fatalidade da vida que levou seu filho a ser um marginal, o contrário seria esse o melhor filho do mundo e tendo como espelho seus pais. Difícil, não? Por isso digo o ser humano é realmente um caixinha de surpresas, por mais que tentemos explicar não conseguimos. Alguns dos nossos pensadores da história tentaram, conseguiram explicar com fatos o comportamento humano, mais, como os tempos mudam, o ser humano acompanha as mudanças, seu comportamento também toma formas e foge do convencional, padrões até então idealizado por nossos pensadores históricos.

Fica aqui hoje algo para pensarmos: "__ Devemos estar sempre atentos, não fazendo de nossas vidas cotidianas como um ato impensado, que possa gerar uma atitude contrária, um desconforto a nós e as pessoas que conosco convivem".

Depois da leitura deste artigo, segue uma fábula escolhida criteriosamente, para que você possa entender a subjetividade do comportamento humano.

3.1 – CONTEXTUALIZAÇÃO

3.1.1 – O RETRATO NÃO CORRESPONDE AO FATO

Leia o texto[2] abaixo:

A ÁGUIA E A CORUJA

Depois de muita briga, a águia e a coruja decidiram pôr fim à sua guerra. Um abraço selou a nova amizade e prometeram ambas, com sinceridade, não devorar os filhotes das rivais. Disse a coruja:

_ Basta de luta. O mundo é tão grande! Não existe maior tolice do que andarmos a comer as crias uma da outra.
_ Perfeitamente. Também eu não quero outra coisa - respondeu a águia.
_ Nesse caso combinemos isto: de agora em diante não comerás nunca os meus filhotes.
_ Muito bem. Mas como vou distinguir os teus filhotes? Descreve-me tais quais eles são, que, juro, haverei de poupá-los.
Ante tal compromisso, a coruja, satisfeita, disse assim:
_ Meus filhos são mesmo uma graça, cada qual mais bonito e de talhe bem feito. A penugem que ostentam é fofa e vistosa; sua voz, doce e suave. Se os achares, haverá de ver que mimos tão gentis não merecem morrer.

Feito o pacto, saiu cada qual para um lado. A coruja, em busca de alimento, voou para um bosque afastado; já a águia, com atrevimento (porquanto as águias não têm medo), entrou nas fendas de um rochedo, e ali logo encontrou uns bichos esquisitos, verdadeiros monstrinhos, gemendo tristonhos, penugem horrível, emitindo gritos de som assustador.

2 - Esta obra está licenciada sob uma Licença CreativeCommons. Você pode copiar, distribuir, exibir, executar, desde que seja dado crédito ao autor original. Você não pode fazer uso comercial desta obra. Você não pode criar obras derivadas.

_ Esses bichos medonhos, provavelmente da coruja não serão. Assim, não há problemas: vou comê-los agora.

E ali se fartou abundantemente.

Um mau pressentimento tomou conta da coruja e a trouxe de volta ao ninho.

Chegando, ela avistou, numa aflição extrema, os restos da chacina e chorou amargamente. Protestava aos gritos clamando aos céus por castigo e foi ajustar contas com a rainha das aves.

_ Quê? - disse esta, admirada. Eram teus filhos aqueles monstrenguinhos? Pois, olha, não se pareciam nada com a imagem que deles me fizeste. Tu pintaste um retrato que não corresponde, de fato, a filhotes de coruja; assim, não atribuas culpas a outrem. Se as há, são só tuas!"

3.2 – REFLEXÃO

3.2.1 - O RETRATO QUE NÃO CORRESPONDE AO FATO

Comumente, grande número de pais exibe condutas aparentemente qualificadas como manifestações de amor e carinho, mas que, na realidade, são comportamentos destrutivos do desenvolvimento social e emocional dos filhos. Essa atitude é denominada superproteção. Encontramos, por parte desses adultos, uma "dominação asfixiante" e, ao mesmo tempo, um comportamento em que falta firmeza ou controle, abarrotado de agrados e/ou mimos; pretendem impor uma submissão infantil por meio de verdadeiros subornos, desprezando as reais necessidades psicológicas da criança.

Os pais superprotetores resguardam excessivamente e afastam as criaturas, desde a mais tenra idade, de todos os supostos perigos, impossibilitando que elas desenvolvam por conta própria sua defesa existencial.

Colocam-se em guarda para defender sua prole das experiências evolutivas, acreditando que sejam tribulações ou padecimentos desnecessários, e com essa atitude nociva, impedem que as vivências naturais possam promover uma série de aprendizados. São permissivos a qualquer teimosia ou capricho. Impossibilitados de negar seja o que for, alegam que os filhos exercem um fascínio, um domínio afetivo ao qual não podem resistir.

Quando uma mãe aponta, sistematicamente, os defeitos de educação no filho da vizinha, pode haver aí um "ponto cego", ou seja, ela ignora ou não consegue ver as falhas educacionais do próprio filho e projeta seu desconforto materno para algo ou alguém.

Diz a "mãe coruja": _ Meus filhos são mesmo uma graça, cada qual mais bonito e de talhe bem-feito. A penugem que ostentam é fofa e vistosa; sua voz, doce e suave. Se os achares, haverás de ver que mimos tão gentis não merecem morrer.

É comum encontrar na sociedade homens que, tal qual o mocho, cobrem os filhos de elogios, de mimos e de exagerada afetividade. Futuramente, essas crianças serão criaturas frágeis, inseguras e infantilizadas.

Muitos pais sentem necessidade ilimitada de satisfazer todos os desejos dos filhos, sempre desculpando o desmazelo, descaso, grosseria e indisciplina, como se fosse uma maneira de resgatar sua dívida de afeto para com eles.

Eis aqui os motivos mais frequentes que podem levar um adulto a ter comportamentos superprotetores:

• pais que foram rejeitados na infância podem dar uma proteção acima do normal, educando os filhos de maneira inversa, como uma forma de autocompensação;
• defeitos congênitos ou enfermidade grave da criança;
• filhos únicos ou "temporões";
• filhos naturais ou adotivos;
• a morte de um irmão;
• incompatibilidade conjugal ou frustrações sexuais dos pais que projetam seus conflitos na criança através de desmedida afabilidade; e outras tantas coisas.

Seguem algumas atitudes básicas que nos permitem reconhecer o adulto superprotetor:

• relação pegajosa e maçante com a criança, sempre ao lado dela, vigiando-a incansavelmente, controlando-lhe todos os movimentos com o olhar;
• afirmação metódica aos outros de que o filho não se afastará deles nem por um instante sequer, quando, na verdade, é o reverso: são os pais que não conseguem se afastar dele;
• criação de uma atmosfera de bloqueio ao amadurecimento da criança, revelada pelo tratamento inadequado, como se ela fosse mais infantil do que na verdade é;
• esforço sobrenatural para que os filhos não saiam do ambiente familiar, impedindo-os de se desenvolverem socialmente e sendo responsáveis, conscientemente ou não, pela incapacidade que os mesmos terão para se autogovernar e pela eterna dependência emocional;
• pensamentos catastróficos que geram uma submissão neurótica nos filhos, deixando-os inseguros e medrosos além dos limites do aceitável;
• conceitos de culpabilidade, servilismo e vitimização, transmitidos por meio de frases do tipo: "Quase morri em seu parto"; "Sacrifiquei toda minha juventude", "Deveria ser grato, porque me mato por você"; "Passei muitas noites em claro", "Sempre tudo primeiro em seu favor".

As crianças precisam de elogios verdadeiros e não de supervalorização; necessitam de afetos reais, e nunca de carinhos excessivamente pegajosos. O verdadeiro amor não é exatamente "afeto viscoso".

Na verdade, o adulto pode estar projetando nas crianças seus medos e receios, principalmente o maior deles: a perda do afeto dos entes queridos. E "perder" é uma palavra corriqueira no vocabulário familiar, porque sugere "ficar sem a posse de alguém". E os mais apegados seguram o outro, colocando-o numa redoma: protegem desesperadamente os filhos para não terem que viver o próprio medo.

3.3 - CONCEITOS-CHAVE

a) Ponto cego

A definição físico-oftálmica considera o ponto cego como parte do olho (a retina) de onde emergem o nervo ótico e os vasos sanguíneos que ligam o olho ao cérebro. Esse ponto, no fundo do globo ocular, é insensível à luz, pois nele não há receptores visuais. No entanto, como nós temos dois olhos, um compensa o ponto cego do outro. Para além do olhar físico, o ponto cego é uma "mancha" localizada no ego, cuja função é a de camuflar um conflito psíquico. Algo como: "não devo olhar o que é interpretado como perigoso, não devo perceber o proibido, não devo entrar em contato com algo que possa me comprometer ou que me coloque em contradição, ou ainda que me obrigue ao confronto comigo mesmo".

b) Afeto

Toda criança necessita de afeto. Com isso não estamos nos referindo às atitudes dengosas e "açucaradas", a beijinhos e abraços descompromissados que os pais adotam em relação aos filhos uma vez ou outra. Para estes, é imperioso sinceridade, aceitação, amizade e respeito. Afeto real não é o tipo do gesto que hoje é ardorosamente apaixonado, para

amanhã ser indiferente e estúpido. A criança sente perfeitamente, quem sabe até de maneira inconsciente, quando seus pais, apesar dos meigos beijos e abraços, não a consideram como elemento ativo e participativo no seio do ambiente familiar. Esse paradoxo dos afetos pode levar pais e filhos aos piores conflitos domésticos. É preciso que os adultos se afeiçoem ao modo de ser das crianças, aceitando-as com ternura, naturalidade, espontaneidade, sem fantasias de grandeza, para que eles possam ver um dia, para seu grande contentamento e surpresa, como seus filhos corresponderam e ultrapassaram todas as expectativas imaginadas pela família. Para a criança, um dos maiores bens é o afeto verdadeiro e a compreensão que recebe dos pais, com os quais sabe que poderá ter como certa a ajuda e/ou apoio para sempre.

c) Elogios

Não apenas para os adultos e para os adolescentes, como também para as crianças, o elogio funciona como uma necessidade psicológica e um estímulo de valor incalculável. Trata-se de uma das mais poderosas motivações, pois incita de modo essencial o desenvolvimento da personalidade do ser em evolução. Fazer um elogio à criança é fator que gera entusiasmo, segurança, progresso, confiança em si mesmo e, em verdade, custa menos do que qualquer divertimento, jogo ou brinquedo, por mais baratos que sejam: custa somente disponibilidade de tempo e boa vontade. Contudo, o elogio não deve ser excessivo. Ele deve corresponder à realidade dos fatos, porque a criança possui um "radar abrangente" que percebe claramente a insinceridade e hipocrisia dos adultos. Pais "corujas", convencidos da superioridade e excelência da sua prole, podem exaltar fictícias qualidades; no entanto, a criança em geral é muito sensível e perceberá imediatamente um elogio que soa falso.

3.4 - MORAL DA HISTÓRIA

Vivemos numa sociedade acostumada a todo tipo de "amortecedores emocionais". Somos seduzidos por uma série de facilidades que têm por objetivo nos resguardar, de forma incondicional, dos golpes da vida. Pais que se colocam na posição de atenuadores desfavorecem o desenvolvimento emocional, intelectual e espiritual dos filhos; criam indivíduos amedrontados, inseguros, com autoestima corrompida facilmente manipuláveis pelo meio social. Como os filhos aprendem que, sozinhos, não podem resolver problemas e dificuldades, desenvolvem gradativamente uma necessidade de proteção, amparo e apoio, submetendo-se à vontade de outrem. Com uma agravante: por não conhecerem suas potencialidades, têm dificuldades para comandar a própria vida, visto que lhes falta a experiência negada pela superproteção. Para retrato de filho, que ninguém acredite em pai pintor. Já diz o ditado: "Quem ama o feio, bonito lhe parece."

3.5 - REFLEXÕES SOBRE ESTA FÁBULA

"A graciosidade está para o corpo assim como o bom senso está para o espírito" (Hammed[1] *apud* La Rochefoucauld[3]).

1 - Hammed é o nome do espírito ao qual o médium paulista Francisco do Espírito Santo Neto atribui a maior parte de suas obras psicografadas.

3 - François, Duque de La Rochefoucauld (Paris, 15 de setembro de 1613 — Paris, 17 de março de 1680) foi um moralista francês, François VI, Príncipe de Marcillac e, mais tarde, Duque de La Rochefoucauld.

Recordando

O comportamento humano é a expressão das emoções geradas pelos estímulos internos e externos de cada indivíduo. Esse comportamento sofre alterações e se revelam hierarquicamente.As emoções variam de acordo com os estímulos e tem papel fundamental na reação provocada por situações diversas e que se manifesta como alegria, tristeza, raiva, etc.

Realização Pessoal
moralidade, criatividade, espontaneidade, solução de problemas, ausência de preconceito, aceitação dos fatos.
Estima
Autoestima, confiança, conquista, respeito dos outros, respeito aos outros.
Amor/relacionamento
amizade, família, intimidade sexual.
Segurança
segurança do corpo, do emprego, de recursos, da moralidade, da família, da saúde, da propriedade
Fisiologia
respiração, comida, água, sexo, sono, homeostase, excreção
http://qcferris.wordpress.com/2010/10/04/democracia/

SUGESTÃO!

Reveja a famosa Pirâmide de Maslow.

3.6 - EXERCÍCIOS PROPOSTOS

1) Qual é a importância das emoções no comportamento humano?

_____
_____
_____
_____

2) Qual é a hierarquia do comportamento humano segundo Maslow?

_____
_____
_____
_____

4 – COMPORTAMENTO ÉTICO

Diferencia-se a moral do comportamento ético ao se fundamentar na obediência as normas estabelecidas pelos tabus, costumes, constituição ou religião. Comportamento ético é aquele que é considerado bom. Ao contrário da moral, que delimita o que é bom e o que é ruim no comportamento dos indivíduos para uma convivência civilizada.

A importância do comportamento ético está em ser um grande diferencial de qualquer empresa ou profissional numa época em que a concorrência acirrada e nem sempre honesta está presente nas relações de mercado. As empresas se reformam e se transformam para sobreviver a essa concorrência, o que faz com que a manutenção do sucesso das empresas dependa de um comportamento ético reconhecido por todos que a compõe. A empresa que, como espaço social, produz, reproduz e resgata valores se torna importante em qualquer processo de mudança de perspectiva das pessoas; tanto das que nela convivem e participam quanto daquelas com as quais essas pessoas se relacionam.

Quanto mais à empresa preocupar-se com o próprio comportamento ético e de seus funcionários, mais o ambiente em que as pessoas exercem suas atividades será de realização, segurança e credibilidade. Além da organização passar a ter uma referência respeitável na sociedade na qual estiver inserida.

Ser ético nada mais é do que agir de acordo com o que foi estabelecido como correto a partir dos valores morais dos grupos sociais. Esses valores morais são resultado da própria cultura passada de geração a geração. Elas variam de acordo com a época e região. O comportamento ético é a atitude, a escolha individual e consciente, é toda decisão na formação de um conjunto de valores fundamentais. Muitas dessas virtudes nasceram com os filósofos gregos e se perpetuaram até os dias de hoje. Abaixo, algumas conforme ARRUDA (2002):

- ser honesto;
- ser corajoso;
- ser tolerante;
- ser flexível;
- ser íntegro;
- ser humilde.

O comportamento ético vai além de não roubar, não praticar assédio moral. Significa também respeito com os clientes, equipe e todos que o rodeia. É fato, que esse comportamento, além de fundamental para quem idealiza uma carreira longa, respeitada e sólida é a base para a sobrevivência de qualquer empresa. Além de as pessoas agirem com honestidade porque querem dormir com a consciência tranquila, sem o temor das consequências, devido ao comportamento desprovido de ética; afirma JACOMINO (2003). Alguns exemplos de comportamento desprovido de ética são:

- Preconceito.
- Suborno direto ou indireto.
- Acordos.
- Violação do meio ambiente.
- Publicidade enganosa.
- Fofoca.
- Maledicência.

Geralmente os profissionais estão mais preocupados em desempenhar bem as suas atividades, pouco se preocupam em praticarem a ética em suas decisões, em resolução de conflitos e nos objetivos e metas a serem alcançadas; poucos são os que envolvem a

ética em questões econômicas, financeiras, operacionais e legais. Contudo, o número de empresas e profissionais que agem na perspectiva ética vem aumentando e se impondo, gerando novas perguntas que passam a ser feitas dentro do processo decisório, no momento de planejamento das ações a serem efetivadas.

O que se pretende ao considerar se o comportamento está sendo ético ou não, é que os profissionais e as empresas tenham uma postura ativa e não passiva, pois, a maioria das pessoas, no mundo industrializado, passa a maior parte do seu tempo dentro das empresas. A sinalização da mudança de comportamento das empresas está em muitas organizações já criarem seu próprio código de ética. Este código tem servido de parâmetro para o comportamento ético, por exemplo:

- Liderança ética.
- Elaboração do código de ética.
- Educação para a ética.
- Comunicação ética.
- Auditoria ética.
- Seleção ética.
- Avaliação ética.
- Recompensas éticas.

As empresas têm motivos de sobra para fundamentarem-se no comportamento ético interna e externamente. Já têm provas de que o comportamento é um diferencial valioso no mercado competitivo. Se a empresa, como espaço social, expressa valores, se torna importante em qualquer processo de mudança de perspectiva das pessoas; tanto das que nela convivem e participam quanto daquelas com as quais essas pessoas se relacionam. Quanto mais profissionais e empresas preocuparem-se com o comportamento ético, mais a sociedade na qual essas empresas estiverem inseridas refletirá a melhoria nas relações das pessoas.

4.1 – CONTEXTUALIZAÇÃO

4.1.1 - O QUE ESTÁ POR DENTRO É LANÇADO FORA

"As mentiras que mais nos causam danos e nos impedem o crescimento espiritual não são tanto as que verbalizamos, mas as que contamos inconscientemente para nós, aquelas que projetamos" (HAMMED[1]).

Leia o texto[2] abaixo:

OS DOIS ALFORJES

Um dia, Júpiter convocou todos os animais para comparecerem diante dele, a fim de que, comparando-se com os outros, cada animal reconhecesse o próprio defeito ou a própria limitação. Assim, Júpiter poderia corrigir as imperfeições.

E os animais, um a um, elogiavam a si próprios, gabavam-se de suas qualidades e só relatavam os defeitos alheios. O macaco, ao ser questionado se estava feliz com seu aspecto, respondeu:

1 - Hammed é o nome do espírito ao qual o médium paulista Francisco do Espírito Santo Neto atribui a maior parte de suas obras psicografadas.

2 - Esta obra está licenciada sob uma Licença CreativeCommons. Você pode copiar, distribuir, exibir, executar, desde que seja dado crédito ao autor original. Você não pode fazer uso comercial desta obra. Você não pode criar obras derivadas.

_Mas claro que sim! Cabeça, tronco e membros, eu os tenho perfeitos. Em mim, praticamente, não acho defeitos. É pena que nem todo o mundo seja assim... _ Os ursos, por exemplo, que deselegantes!

O urso veio em seguida, mas não se queixou de seu aspecto físico, até se gabou de seu porte. Fez críticas aos elefantes: orelhas demasiadamente grandes; caudas insignificantes. Animais grandalhões, sem graça e sem beleza.

Já o elefante pensa o oposto e se acha encantador; porém, a natureza exagerou, para o seu gosto, quanto à gordura da baleia.

A formiga, ao falar da larva, franze o rosto: _ Que pequenez mais triste e feia!

Assim são os homens. É como se lhes tivessem colocado dois alforjes (duplo saco, ligado por uma faixa no meio por onde se dobra), formando duas bolsas iguais; usado ao ombro ou no lombo nos animais, de forma que um lado fique oposto ao outro): no peito, o alforje com os males alheios, e nas costas, o alforje com os próprios males. De tal modo que eles são cegos quanto aos próprios defeitos, mas enxergam com nitidez os defeitos dos outros.

4.2 – REFLEXÃO

4.2.1 - O QUE ESTÁ POR DENTRO É LANÇADO FORA

Uma forma de evitar claramente que sensações, pensamentos, impulsos ou lembranças cheguem ao nosso consciente tem o nome de transferência ou projeção.

Projetar nossas ações e emoções nos outros, agindo como se elas não nos pertencessem, e recusar nosso mundo íntimo, não aceitando as coisas em nós como elas realmente são, pode se tornar um constante "acessório psicológico", um processo preferencial do ego.

O método para projetarmos nossa vida íntima em outra pessoa funciona de certa forma em duas etapas: negação e deslocamento.

Primeiro, um fato ou acontecimento que provoca um sentimento inadequado é negado, bloqueado do consciente e deslocado para o mundo externo. Tomemos por exemplo: um indivíduo que num determinado momento da vida teve um desentendimento com uma pessoa e desenvolve um sentimento de antipatia e aversão por ela pode, posteriormente, julga que superou as diferenças e que aquele episódio é uma "página virada". No entanto, ele não consegue perceber que sua emoção pode ter sido inconscientemente projetada sob forma de uma suposta antipatia e aversão dessa pessoa por ele. O que estava dentro foi jogado para fora.

Uma vez que é atribuída a outras criaturas, a sensação de aversão é notada como completamente alheia, não nos pertence, não nos diz respeito. É, simplesmente, de outrem; jamais nossa. Nós somos bons e perdoamos, mas os outros são maus, rancorosos e não perdoam.

"Assim são os homens. É como se lhes tivessem colocado dois alforjes: no peito, o alforje com os males alheios, e nas costas, o alforje com os próprios males. De tal modo que eles são cegos quanto aos próprios defeitos, mas enxergam com nitidez os defeitos dos outros." É comum encontrar no dia a dia dos indivíduos que apresentam comportamento idêntico. Ao invés de se dedicarem à tarefa de conscientização da própria vida íntima, evidenciam o argueiro no olho do vizinho e, por consequência, potencializam a trave que lhes obscurece a visão do mundo anterior.

As mentiras que mais nos causam danos e nos impedem o crescimento espiritual não são tanto as que verbalizamos, mas as que contamos inconscientemente para nós, aquelas que

projetamos.

Vivemos ilusões quando desfiguramos a realidade de nossa experiência ou a verdade de nosso ser e adotamos um "papel" que não corresponde à verdade. Apresentamos aqui o que em linguagem informal denominamos "máscaras": são elas que turvam nossa verdadeira realidade interior; é delas que nos servimos para lançar fora o que está em nossa intimidade.

Projetamos e interpretamos papéis quando nossas reivindicações internas não são admitidas, ou são contrárias àquelas que estão sendo solicitadas pelo mundo externo.

Projetamos e interpretamos "scripts" quando nossas exigências pulsionais (processos psíquicos fortemente emocionais, impulsivos e basicamente irracionais) entram em choque com as regras e normas sociais, passando do campo da consciência para o da inconsciência. Representamos como se fôssemos verdadeiros atores, interpretando uma personagem no palco ou no cinema, quando nos colocamos diante de alguém como sendo mais do que somos; quando dissimulamos um amor ou um desinteresse que não sentimos; quando nos mostramos alegres, e na realidade estamos tristes; quando aparentamos uma frieza que não experimentamos; quando escondemos e mantemos em segredo tudo aquilo que mais queremos e desejamos; quando aderimos a associações de caráter recreativo, cultural, artístico, religioso, político, social, etc., para obter favores que não merecemos, recebendo elogios e reconhecimento.

O crescimento pessoal exige, acima de tudo, coerência, o que significa que o si mesmo (self em inglês) deve estar numa relação harmônica entre o que se sente e o que se vive; deve haver uma identidade ou semelhança entre as partes de um todo.

Por que falsificamos nossa realidade? Afinal, o que conseguimos com isso? Danificamos nossa própria intimidade e atravessamos toda uma existência com a angustiante sensação de sermos impostores ou farsantes. Além disso, vivemos aprisionados à angústia e ao medo de um dia descobrirem quem realmente somos.

O alvorecer do despertar manifesta-se no ser amadurecido quando a luz da consciência ilumina não apenas as áreas externas, mas, acima de tudo, as internas. Muitos indivíduos se satisfazem apenas por possuírem os olhos físicos, que lhes oferecem uma visão parcial ou incompleta da vida. Mas para vermos as coisas tais como são, é preciso desenvolver a acuidade do olho que esclarece, ilumina e guia - aquele voltado para o mundo íntimo. A partir daí, cessamos de projetar de forma contínua.

Como todos os nossos companheiros de viagem transcendental, desejamos preencher ou compensar o vazio existencial que sentimos por não vivermos a essencialidade de nosso ser.

Nossos anseios de ser e de possuir alguma coisa são, no fundo, a compensação da falta de não termos quase nenhuma consciência do que somos e nem para que fomos criados.

4.3 - CONCEITOS-CHAVE

a) Negação

É a recusa de aceitar as coisas como são. Na negação, embora os fatos e as circunstâncias não estejam completamente apagados do consciente, como acontece na repressão, eles estão recolocados de tal forma que distorcem ou encobrem a realidade.

b) Deslocamento

É o mecanismo psicológico de defesa através do qual a pessoa substitui a finalidade inicial de uma pulsão por outra diferente e socialmente menos desastrosa. Durante uma

discussão, por exemplo, a pessoa tem um forte impulso em esmurrar a outra; contudo, acaba deslocando tal ímpeto para uma garrafa, que ela quebra sobre a mesa. Também pode ser qualificado como uma ideia ou vivência que são trazidas simbolicamente na mente por outra ideia ou vivência que estejam emocionalmente associadas. Por exemplo: uma criatura que teve uma experiência amorosa desagradável com alguém no passado reage, no presente, com desprezo ou aversão por todos aqueles que se aproximam dela afetivamente.

c) Si mesmo

Sustenta Carl Jung que trazemos em nosso íntimo um arquétipo principal, que ele denominou "si mesmo". Segundo as teorias junguianas, "o si mesmo não é apenas o centro, mas também toda a circunferência que contém em si tanto o consciente quanto o inconsciente". Jung afirmava que o "Self'" preside a todo o governo psíquico, é uma autoridade suprema e é considerada a unificação, a reconciliação, o equilíbrio dinâmico, um fator interno de orientação do mais alto valor.

4.4 - MORAL DA HISTÓRIA

Sempre que distinguimos alguma coisa fora de nós e a reprovamos em demasia como sendo perniciosa, perigosa, pervertida, imoral, e assim por diante, é provável que ela represente conteúdos existentes em nós mesmos, sem que os reconheçamos como possíveis características nossas. A ameaça é tratada como se fosse uma força externa, e não interna. Se afirmarmos categoricamente "todos são desonestos", estamos, na verdade, tentando projetar nos outros nossas próprias tendências. Ou então, ao dizermos "tudo gira em torno de uma só coisa: sexo" pode estar direcionando nossa disposição interna nas demais criaturas, por estarmos pessoalmente insatisfeitos. Muitas vezes dizemos "é inexplicável como aquela pessoa não gosta de mim", quando, na realidade, somos nós que não gostamos dela, sem nos darmos conta.

4.5 - REFLEXÕES SOBRE ESTA FÁBULA

> Um dos defeitos da humanidade é ver o mal de outrem antes de ver o que está em nós. Para se julgar a si mesmo, seria preciso poder se olhar num espelho, transportar-se, de alguma sorte, para fora de si e se considerar como outra pessoa, em se perguntando: Que pensaria eu se visse alguém fazendo o que faço? (ESE, cap. X, item 10, Boa Nova Editora).

"Deploramos com facilidade os defeitos alheios, mas raramente nos servimos deles para corrigir os nossos" (Hammed[1] *apud* La Rochefoucauld[3]).

1 - Hammed é o nome do espírito ao qual o médium paulista Francisco do Espírito Santo Neto atribui a maior parte de suas obras psicografadas.

3 - François, Duque de La Rochefoucauld (Paris, 15 de setembro de 1613 — Paris, 17 de março de 1680) foi um moralista francês, François VI, Príncipe de Marcillac e, mais tarde, Duque de La Rochefoucauld.

Recordando

Comportamento ético em todos os seus aspectos, organizacional, pessoal, familiar, social ou profissional é a base para o sucesso nas relações. Profissionais e pessoas, dependem do comportamento, por exemplo, em relações de trabalho, para não cair no descrédito à reputação, o nome da empresa e a sobrevivência no mercado altamente competitivo. A estabilidade e evolução das carreiras profissionais e das empresas dependem muito da capacidade de adotar e aperfeiçoar condutas fundamentadas em valores como a seriedade, honestidade, e outros princípios éticos.

SUGESTÃO!
Leia a poesia a seguir.

ÉTICA

Confesso amargurado, envelheci precocemente
São tantos os conceitos que não compreendo mais
Valores que norteavam o procedimento humano
Perderam-se sem sentido no meio dos mortais.

Vejo a ÉTICA desfigurada pelo engodo traiçoeiro
Vejo homens que se prestam a servis interesseiros
Vejo pragas que se alastram e embaçam a visão
Em condutas vergonhosas, lamentável aberração.

Vejo aqueles que ponderam de forma tão sutil
Preparando argumentos para um tropeço vil
Que por vezes escancara as raias do absurdo
Que não resta outra saída: seja cego, surdo, mudo.

Mas ainda temos loucos de loucura tão pungente
Que acreditam ser possível salvar a nossa mente
Da tortura tão em voga sem perder a condição
De ser gente decente sem de a ÉTICA abrir mão.

Por isso sempre digo, já não passo de um louco
Acredito nos motivos que movem estes poucos
Que colocam atrevidos, a ÉTICA por condição
Para erguer toda decência - não há outra solução.

(Agamenon Almeida, 02/12/2007)

4.6 - EXERCÍCIOS PROPOSTOS

1) Em que se baseia o comportamento ético?

_____
_____
_____
_____

2) Por que na contemporaneidade as empresas e os profissionais devem agir de acordo com o comportamento ético?

_____
_____
_____
_____

5 – NA FAMÍLIA

A família é a primeira instituição com a qual o ser humano tem contato quando nascemos. É essa organização social que influencia e sofre influências de outras formas de organização social que o ser humano passa a conhecer a ligação do comportamento a valores, princípios a partir dos mais diversos motivos. São as ligações existentes na instituição familiar que passam para seus membros a moral, as conquistas materiais, os valores morais, a noção do certo e do errado por várias gerações. Pode-se conceituar a família como um conjunto subjetivo de exigências comportamentais que organiza a integração dos seres humanos igualmente num sistema.

Esse sistema tem características quanto a sua composição, como outras organizações sociais, pois se organiza a partir de condições e funções, moralmente aceitas e consequentemente reconhecidas. Na família, independentemente da época, cultura local, ou regional, cada membro tem um papel, por exemplo, o papel de marido, o papel de esposa, o papel de filho, o papel de irmão e etc.

Os papéis são, "as expectativas de comportamento, de obrigações e de direitos que estão associados a uma dada posição na família ou no grupo social" (DUVALL; MILLER cit. por STANHOPE, 1999; p. 502). Uma das obrigações que se atribui ao papel de pais de uma criança é o de prover a interação dela com a sociedade, inserindo-a numa escola, por exemplo, para relacioná-la e promover atividades favorecedoras do desenvolvimento das capacidades intelectuais e sociais.

Os cuidados dispensados por cada pessoa ligada aos seus são exemplos de expectativas esperadas dos que exercem os papéis que se conhece como pai, mãe, irmão e etc.. A expressão de afetividade, a manutenção de respeito e afirmação de laços familiares são resultados do bom desempenho dos papéis assumidos por cada membro da instituição chamada família. Entenda papéis como funções atribuidas subjetivamente a cada indivíduo. A família corresponde e/ou reage às transformações que ocorrem devido às revoluções nas relações sociais e consequentemente no comportamento humano. O contexto exigi adaptações na continuidade da existência de algumas funções atribuídas ao grupo família como:

- Afeto.
- Segurança.
- Integração.
- Estabilidade.
- Continuidade da cultura da sociedade correspondente.
- Desenvolvimento do senso de responsabilidade.

Para SERRA (1999), a família tem como função primordial a de protecção, tendo, sobretudo, potencialidades para dar apoio emocional para a resolução de problemas e conflitos, podendo formar uma barreira defensiva contra agressões externas.

5.1 – CONTEXTUALIZAÇÃO

5.1.1 - VER AS COISAS TAIS COMO SÃO

Autoilusão é o processo pelo qual enganamos a nós mesmos, passando a aceitar como verdadeiro ou válido o que é falso ou inválido; é não ver as coisas tais como são. Ela tem como raiz os preconceitos, desejos, insegurança, cobiça, exclusivismo e outros tantos fatores psicológicos que, inconscientemente, afetam o jeito de perceber a realidade.

Vejamos o texto[2] abaixo:

O CACHORRO QUE TROCOU SUA PRESA PELO REFLEXO

Se os que buscam ilusões forem chamados de loucos, os dementes então são milhões, e os sensatos, muito poucos.

Esopo exemplifica essa falta de nexo com a fábula do cão que trazia nos dentes uma presa, um bom bocado de carne. Debruçando-se sobre um barranco, ele viu, refletida na água, a imagem da própria presa, que ele acreditou ser outra ainda maior do que aquela que ele levava.

Iludido pela imagem, larga a presa e atira-se nas águas correntes em busca da "outra". Como o rio estava muito agitado, ele quase se afoga e, só com muito esforço e sofrimento, alcança a margem. Obviamente, sem a presa e sem o reflexo dela.

Quantos, como o cachorro, arriscam-se por uma ilusão!

5.2 – REFLEXÃO

5.2.1 - VER AS COISAS TAIS COMO SÃO

A paz e a lucidez começam no íntimo. Já que vivemos num mundo conflituoso e agitado, devemos dedicar algum tempo para orar ou meditar, pois apenas assim encontraremos mais conciliação, concórdia e harmonia em nossa intimidade. Entregarmo-nos a longas e profundas reflexões é essencial para a nossa sanidade mental.

Quando estamos inquietos, desordenados e sem clareza interna, projetamos a agitação que sentimos para o mundo ao nosso derredor. Quando estamos serenos, podemos ver com mais lucidez e agir com capacidade e segurança, atingindo bons resultados nas decisões vivenciais.

A afobação diária não nos permite entrar em contato ativo com nosso "espaço sapiencial"; por isso, em nós não se estabelece ordem e muito menos lucidez na intimidade.

A quietude íntima faz com que alcancemos o equilíbrio perfeito para mantermos adequadas relações com as pessoas que encontramos, ou para agirmos convenientemente diante das situações que se sucedem em nosso dia a dia. Sem a permanente deterioração causada por ilusões ou desajustes emocionais, teremos mais tempo para diferenciar os fatos das ocorrências ilusórias. Compensados, autorresponsáveis e serenos em nós mesmos, irradiaremos paz para todos aqueles que encontrarmos.

Conta uma antiga história persa que, em certa ocasião, um afortunado negociante buscou seu conselheiro espiritual. Sentia-se deprimido, atribulado, cheio de amargura, pois acreditava estar lucrando pouco com seu comércio.

2 - Esta obra está licenciada sob uma Licença CreativeCommons. Você pode copiar, distribuir, exibir, executar, desde que seja dado crédito ao autor original. Você não pode fazer uso comercial desta obra. Você não pode criar obras derivadas.

"_ Não sei o que está acontecendo comigo. Tenho tudo o que sempre quis, mas ainda quero mais e mais. Por isso me sinto infeliz.

O conselheiro, que era um homem sábio, olhou-o demoradamente, mas nada lhe disse. Tomou-o pelo braço e pediu que olhasse através dos vidros da janela e descrevesse o que via lá fora.

_ Vejo árvores, casas, jardins, fontes, pessoas, crianças distraindo-se com brincadeiras.

O conselheiro então colocou o negociante diante de um espelho. - E agora o que você vê? _ perguntou-lhe.

_ Eu vejo a mim mesmo - respondeu ele.

E o sábio retrucou:

_ Na verdade, o que agora você vê é seu reflexo no espelho. O vidro espelhado o impede de vislumbrar a realidade, que existe além da sua imagem. A ilusão assemelha-se a um espelho onde vemos unicamente a nós próprios. Em muitas circunstâncias, não enxergamos os fatos como eles são, mas, sim, como aparentam ser. Há muitas coisas que não nos deixam ver a realidade nem o que realmente somos: a ganância, o preconceito, o poder, as homenagens, a preocupação de ganharmos destaque, de nos considerarmos melhores do que os outros... Será que seus negócios e sua desmedida ambição não lhe permitem ver a beleza da vida tal como ela é, com as criações e as criaturas de Deus, pois você apenas tem olhos para si mesmo?"

Assim termina o diálogo entre os dois homens.

Realmente, o espelho possui uma excelente relação de semelhança para conceituarmos a ilusão. A palavra "miragem" vem da palavra francesa "mirage", que significa "ser refletido". É um efeito óptico que ocorre em dias muito quentes, principalmente nos desertos, produzido pela reflexão da luz solar, que cria imagens semelhantes a lagos límpidos, onde por vezes se refletem árvores, plantas ou cidades longínquas.

Metaforicamente, podemos dizer que "miragem" é tudo aquilo que se apresenta como um fato ou evento verdadeiro, mas que, em verdade, é uma irrealidade, ilusão, alucinação, devaneio.

Na vida social, por ambição, "Quantos, como o cachorro, arriscam-se por uma ilusão!" E "se os que buscam ilusões forem chamados de loucos, os dementes então são milhões, e os sensatos, muito poucos."

Autoilusão é o processo pelo qual enganamos a nós mesmos, passando a aceitar como verdadeiro ou válido o que é falso ou inválido; é não ver as coisas tais como são. Ela tem como raiz os preconceitos, desejos, insegurança, cobiça, exclusivismo e outros tantos fatores psicológicos que, inconscientemente, afetam o jeito de perceber a realidade.

Um exemplo clássico disso é quando pais e/ou cônjuges acreditam que o filho e/ou parceiro afetivo estão falando a verdade, mesmo quando as evidências provam claramente o contrário. Os indivíduos se auto iludem porque querem sempre acreditar nos entes amados e desejam ansiosamente que estejam dizendo a verdade.

Enquanto houver ilusão, há possibilidade de distorção da direção almejada ou desencaminhamento da jornada escolhida. Somente quando grande parte da ilusão já tenha cedido à verdade é que poderá haver estabilidade e segurança no caminho a ser percorrido.

Ir além dessa ilusão multimilenar que domina os homens é a prioridade da filosofia cristã. Se não atendermos a essa solicitação do Cristo, dificultaremos a marcha, convertendo a própria alma em cidadela de desenganos; seduzidos pelo leito da ilusão, viveremos períodos de confusão ou insânia mental.

Nesse círculo perverso, vive o indivíduo, de forma geral, sob o domínio do pseudo-afago da ignorância, enganando-se na vida terrena, para desenganar-se depois no além-túmulo; gastando várias encarnações, iniciando e reiniciando a meta que lhe cabe transpor, recusando à metafísica, isto é, tudo aquilo que transcende a natureza física das coisas.

O ato de saber quando agir e não agir, aliado à prática da oração e/ou da meditação, não só oferece harmonia interior e vitalidade, como igualmente nos proporciona, com o correr do tempo, uma ampliação da própria consciência. Leva-nos à prática da verdadeira experiência pela paz e com a paz que tanto buscamos.

Não agir é seguir a correnteza, em vez de ir contra ela. É uma excelente ideia: um indivíduo nada e chega à margem de um rio muito mais rápido quando, não resistindo ao fluxo da água, permanece tranquilo e deixa-se conduzir pelas "mãos da natureza". Em outras palavras: confiando na Vida Providencial e moderando nossa pretensão de resolver todos os conflitos e dificuldades de forma puramente racional, poderemos encontrar equilíbrio e alegria sem uma vida desgastante de contínua luta contra forças reais ou ilusórias.

O culto a nossa intimidade deve ser praticado na sucessão de nossos dias como um potencial a ser desenvolvido para promover a clareza de ideias e de expressão, a percepção dos sentimentos e as emoções. Ela está aqui, em nós. Se quisermos, ela pode ser tão familiar quanto é familiar o sono, a respiração, os pensamentos mais estreitos.

5.3 - CONCEITOS-CHAVE

a) Ambição

Abrir a alma à ambição é fechá-la à serenidade, porquanto a ambição que se alimenta é peso inútil ao coração. Cultivá-la é o mesmo que guardar espinhos na própria intimidade. Diz o ditado popular: "Tudo falta a quem tudo quer". Em razão disso, o ganancioso não possui bens, mas é dominado por eles. A ambição produz mais insatisfeitos por não conquistarem as coisas, do que saciados com o que possuem. A cobiça não ouve a razão nem o bom senso; nela, o desejo ardente sempre reaparece quando já deveria ter acabado.

b) Quietude íntima

A reflexão e a prece proporcionam uma energia sutil em nossas experiências cotidianas. Nesse "estado interior", onde reina a tranquilidade, o ser tem um encontro consigo mesmo, com sua mais pura essência - a alma. Criaturas distraídas entre os episódios do passado e os do presente turvam sua visão, julgando apressadamente as decisões alheias apenas por divergirem das suas. Como discernir tudo o que nos acontece sem usar o próprio sentido consciencial? É possível avaliar ou ponderar as coisas, utilizando a consciência alheia? É possível perceber a realidade, usando um coração que não nos pertence? Existem fatos emaranhados nos quais a quietude íntima é o único remédio eficaz, porque cada um de nós encontra resposta de acordo com o silêncio que cultivou dentro de si mesmo.

c) Não agir

Não significa prostração, ócio, morosidade, indolência, nem viver numa atmosfera do "esperar sentado ou mostrar uma disposição mínima para o trabalho". Essa filosofia de vida descreve uma prática de realizar ou buscar as coisas suavemente, obedecendo ao movimento contínuo de algo que segue um curso natural, sem utilizar ações bruscas e

intrusivas. Por exemplo: se observamos a naturalidade e espontaneidade da vida, podemos tomar decisões utilizando a sutileza, em vez da força.

5.4 - MORAL DA HISTÓRIA

Saber iludir-se bem é uma das muitas lições que recebemos na vida familiar. A título de exemplo, citamos os pais que sempre acreditam nos filhos, mesmo percebendo que suas afirmações são contraditórias ou vazias de verdade. Os pais iludem-se porque são afetados por desejos inconscientes de terem filhos fiéis e perfeitos. Adultos assim são incapazes de auscultar o próprio coração e utilizar a percepção e o discernimento. Em razão disso, familiares apontam defeitos de educação nos filhos alheios, mas demonstram ignorar os defeitos dos próprios filhos. Não obstante, é bom lembrar que a autoilusão pode não ser simplesmente uma espécie de desonestidade ou fraqueza moral. Muitas vezes, trata-se de uma questão de "cegueira cognitiva", processo mental de percepção, memória, juízo e/ou raciocínio; ou mesmo de incompetência. Os que buscam ilusões acabam tendo muito sofrimento, pois, quando se deparam com a realidade, censuram-se e incriminam-se, às vezes por anos a fio.

5.5 - REFLEXÕES SOBRE ESTA FÁBULA

> Os homens correm atrás dos bens terrestres como se os devessem guardar para sempre; mas aqui não há mais ilusão; eles se apercebem logo de que não agarraram senão uma sombra, e negligenciaram os únicos bens sólidos e duráveis, os únicos que lhes são de proveito na morada celeste, os únicos que podem a ela lhes dar acesso. (ESE, cap. II, item 8, Boa Nova Editora).

"Nossas ações são como os motes (provérbios): cada um entende como quer" (Hammed[1] *apud* La Rochefoucauld[3]).

1 - Hammed é o nome do espírito ao qual o médium paulista Francisco do Espírito Santo Neto atribui a maior parte de suas obras psicografadas.

3 - François, Duque de La Rochefoucauld (Paris, 15 de setembro de 1613 — Paris, 17 de março de 1680) foi um moralista francês, François VI, Príncipe de Marcillac e, mais tarde, Duque de La Rochefoucauld.

Recordando

As relações sociais refletem o desempenho de cada membro da instituição família. Os valores atribuídos ao trabalho ou ao relacionamento com os amigos baseiam-se num conjunto de regras adquiridas na família. As próprias crenças são interpretações de comportamentos na resolução de conflitos existentes nos grupos sociais mais comuns. O ponto de vista do bem e do mal, do certo e do errado aprendido e internalizado enquanto membro do primeiro grupo social que o ser humano faz parte que é a família.

SUGESTÃO!

Assista ao depoimento da psicóloga Liliane Drapala, disponibilizado no AVA.

5.6 - EXERCÍCIOS PROPOSTOS

1) Qual é o papel da família na sociedade?

_____
_____
_____
_____

2) Como se caracteriza a família?

_____
_____
_____
_____

6 - NA SOCIEDADE

Sociedade é o agrupamento de pessoas com os mesmos propósitos, costumes, cultura e tabus interrelacionando-se no desenvolvimento e continuidade através das gerações. O meio no qual se concretiza as relações caracteriza-se como um sistema no qual a relação se realiza com outros indivíduos pertencentes ao mesmo grupo ou não. Uma sociedade é composta de integração e diversas comunidades interdependentes. Geralmene sociedade é a integração de diversos grupos de pessoas agindo comumente numa comunidade organizada.

Entende-se que numa sociedade seus membros compartilham interesses, atividades e objetivos comuns. Como tal, sociedade é muitas vezes usado como sinônimo para o coletivo de cidadãos, mas deve-se ter em mente que muitas das vezes os interesses e objetivos de alguns grupos divergem apesar de interligados. Membros de diversas nações unidas por tradições, crenças, valores, política e/ou cultura comuns, em certas ocasiões também conflitam interna ou externamente.

O conflito quando estabelecido num determinado contexto, age como estímulo a mudanças, amadurecimento ou aquisição de novas perspectivas para duas ou mais sociedades em que os membros representativos defendem ideias divergentes, competidoras e conflitantes.

É por conta dos conflitos que surge a necessidade da existência de regras sociais, pois o convívio, a interação e o posicionamento de seres humanos mesmo que pertencentes ao mesmo grupo geram divergências. Geralmente as divergências são solucionadas com regras estabelecidas desde os gregos e que se conhece como leis, estatutos, regimentos e normas.

6.1 – CONTEXTUALIZAÇÃO

6.1.1 - VER AS COISAS TAIS COMO SÃO

Leia o texto[2] abaixo:

O CACHORRO QUE TROCOU SUA PRESA PELO REFLEXO

Se os que buscam ilusões forem chamados de loucos, os dementes então são milhões, e os sensatos, muito poucos.

Esopo exemplifica essa falta de nexo com a fábula do cão que trazia nos dentes uma presa, um bom bocado de carne. Debruçando-se sobre um barranco, ele viu, refletida na água, a imagem da própria presa, que ele acreditou ser outra ainda maior do que aquela que ele levava.

Iludido pela imagem, larga a presa e atira-se nas águas correntes em busca da "outra". Como o rio estava muito agitado, ele quase se afoga e, só com muito esforço e sofrimento, alcança a margem. Obviamente, sem a presa e sem o reflexo dela.

Quantos, como o cachorro, arriscam-se por uma ilusão!

2 - Esta obra está licenciada sob uma Licença CreativeCommons. Você pode copiar, distribuir, exibir, executar, desde que seja dado crédito ao autor original. Você não pode fazer uso comercial desta obra. Você não pode criar obras derivadas.

6.2 – REFLEXÃO

6.2.1 - VER AS COISAS TAIS COMO SÃO

A paz e a lucidez começam no íntimo. Já que vivemos num mundo conflituoso e agitado, devemos dedicar algum tempo para orar ou meditar, pois apenas assim encontraremos mais conciliação, concórdia e harmonia em nossa intimidade. Entregarmo-nos a longas e profundas reflexões é essencial para a nossa sanidade mental.

Quando estamos inquietos, desordenados e sem clareza interna, projetamos a agitação que sentimos para o mundo ao nosso derredor. Quando estamos serenos, podemos ver com mais lucidez e agir com capacidade e segurança, atingindo bons resultados nas decisões vivenciais.

A afobação diária não nos permite entrar em contato ativo com nosso "espaço sapiencial"; por isso, em nós não se estabelece ordem e muito menos lucidez na intimidade.

A quietude íntima faz com que alcancemos o equilíbrio perfeito para mantermos adequadas relações com as pessoas que encontramos, ou para agirmos convenientemente diante das situações que se sucedem em nosso dia a dia. Sem a permanente deterioração causada por ilusões ou desajustes emocionais, teremos mais tempo para diferenciar os fatos das ocorrências ilusórias. Compensados, autorresponsáveis e serenos em nós mesmos, irradiaremos paz para todos aqueles que encontrarmos.

Conta uma antiga história persa que, em certa ocasião, um afortunado negociante buscou seu conselheiro espiritual. Sentia-se deprimido, atribulado, cheio de amargura, pois acreditava estar lucrando pouco com seu comércio.

"_ Não sei o que está acontecendo comigo. Tenho tudo o que sempre quis, mas ainda quero mais e mais. Por isso me sinto infeliz.

O conselheiro, que era um homem sábio, olhou-o demoradamente, mas nada lhe disse. Tomou-o pelo braço e pediu que olhasse através dos vidros da janela e descrevesse o que via lá fora.

_ Vejo árvores, casas, jardins, fontes, pessoas, crianças distraindo-se com brincadeiras.
O conselheiro então colocou o negociante diante de um espelho. _ E agora o que você vê? _ perguntou-lhe.

_ Eu vejo a mim mesmo _ respondeu ele.

E o sábio retrucou:

_ Na verdade, o que agora você vê é seu reflexo no espelho. O vidro espelhado o impede de vislumbrar a realidade, que existe além da sua imagem. A ilusão assemelha-se a um espelho onde vemos unicamente a nós próprios. Em muitas circunstâncias, não enxergamos os fatos como eles são, mas, sim, como aparentam ser. Há muitas coisas que não nos deixam ver a realidade nem o que realmente somos: a ganância, o preconceito, o poder, as homenagens, a preocupação de ganharmos destaque, de nos considerarmos melhores do que os outros... Será que seus negócios e sua desmedida ambição não lhe permitem ver a beleza da vida tal como ela é, com as criações e as criaturas de Deus, pois você apenas tem olhos para si mesmo?"

Assim termina o diálogo entre os dois homens.

Realmente, o espelho possui uma excelente relação de semelhança para conceituarmos a ilusão. A palavra "miragem" vem da palavra francesa "mirage", que significa "ser refletido". É um efeito óptico que ocorre em dias muito quentes, principalmente nos desertos,

produzido pela reflexão da luz solar, que cria imagens semelhantes a lagos límpidos, onde por vezes se refletem árvores, plantas ou cidades longínquas.

Metaforicamente, podemos dizer que "miragem" é tudo aquilo que se apresenta como um fato ou evento verdadeiro, mas que, em verdade, é uma irrealidade, ilusão, alucinação, devaneio.

Na vida social, por ambição, "Quantos, como o cachorro, arriscam-se por uma ilusão!" E "Se os que buscam ilusões forem chamados de loucos, os dementes então são milhões, e os sensatos, muito poucos".

Autoilusão é o processo pelo qual enganamos a nós mesmos, passando a aceitar como verdadeiro ou válido o que é falso ou inválido; é não ver as coisas tais como são. Ela tem como raiz os preconceitos, desejos, insegurança, cobiça, exclusivismo e outros tantos fatores psicológicos que, inconscientemente, afetam o jeito de perceber a realidade.

Um exemplo clássico disso é quando pais e/ou cônjuges acreditam que o filho e/ou parceiro afetivo estão falando a verdade, mesmo quando as evidências provam claramente o contrário. Os indivíduos se autoiludem porque querem sempre acreditar nos entes amados e desejam ansiosamente que estejam dizendo a verdade.

Na verdade, a desilusão, em muitas ocasiões, é o recurso utilizado pela misericórdia divina para nos afastar de pessoas e situações, a fim de que não nos afundemos ainda mais no poço do desequilíbrio.

Enquanto houver ilusão, há possibilidade de distorção da direção almejada ou desencaminhamento da jornada escolhida. Somente quando grande parte da ilusão já tenha cedido à verdade é que poderá haver estabilidade e segurança no caminho a ser percorrido.

Nesse círculo perverso, vive o indivíduo, de forma geral, sob o domínio do pseudo-afago da ignorância, enganando-se na vida terrena, para desenganar-se depois no além-túmulo; gastando várias encarnações, iniciando e reiniciando a meta que lhe cabe transpor, recusando a metafísica, isto é, tudo aquilo que transcende a natureza física das coisas.

O ato de saber quando agir e não agir, aliado à prática da oração e/ou da meditação, não só oferece harmonia interior e vitalidade, como igualmente nos proporciona, com o correr do tempo, uma ampliação da própria consciência. Leva-nos à prática da verdadeira experiência pela paz e com a paz que tanto buscamos.

Não agir é seguir a correnteza, em vez de ir contra ela. É uma excelente ideia: um indivíduo nada e chega à margem de um rio muito mais rápido quando, não resistindo ao fluxo da água, permanece tranquilo e deixa-se conduzir pelas "mãos da natureza".

O culto à nossa intimidade deve ser praticado na sucessão de nossos dias como um potencial a ser desenvolvido para promover a clareza de idéias e de expressão, a percepção dos sentimentos e as emoções. Ela está aqui, em nós. Se quisermos, ela pode ser tão familiar quanto é familiar o sono, a respiração, os pensamentos mais estreitos.

6.3 - CONCEITOS-CHAVE

a) Ambição

Abrir a alma à ambição é fechá-la à serenidade, porquanto a ambição que se alimenta é peso inútil ao coração. Cultivá-la é o mesmo que guardar espinhos na própria intimidade. Diz o ditado popular: "Tudo falta a quem tudo quer". Em razão disso, o ganancioso não possui bens, mas é dominado por eles. A ambição produz mais insatisfeitos por não conquistarem as coisas, do que saciados com o que possuem. A cobiça não ouve a razão nem o bom

senso; nela, o desejo ardente sempre reaparece quando já deveria ter acabado.

b) Quietude íntima

A reflexão e a prece proporcionam uma energia sutil em nossas experiências cotidianas. Nesse "estado interior", onde reina a tranquilidade, o ser tem um encontro consigo mesmo, com sua mais pura essência - a alma. Criaturas distraídas entre os episódios do passado e os do presente turvam sua visão, julgando apressadamente as decisões alheias apenas por divergirem das suas. Como discernir tudo o que nos acontece sem usar o próprio sentido consciencial? É possível avaliar ou ponderar as coisas, utilizando a consciência alheia? É possível perceber a realidade, usando um coração que não nos pertence? Existem fatos emaranhados nos quais a quietude íntima é o único remédio eficaz, porque cada um de nós encontra resposta de acordo com o silêncio que cultivou dentro de si mesmo.

c) Não agir

Não significa prostração, ócio, morosidade, indolência, nem viver numa atmosfera do "esperar sentado ou mostrar uma disposição mínima para o trabalho". Essa filosofia de vida descreve uma prática de realizar ou buscar as coisas suavemente, obedecendo ao movimento contínuo de algo que segue um curso natural, sem utilizar ações bruscas e intrusivas. Por exemplo: se observamos a naturalidade e espontaneidade da vida, podemos tomar decisões utilizando a sutileza, em vez da força.

6.4 - MORAL DA HISTÓRIA

Saber iludir-se bem é uma das muitas lições que recebemos na vida familiar. A título de exemplo, citamos os pais que sempre acreditam nos filhos, mesmo percebendo que suas afirmações são contraditórias ou vazias de verdade. Os pais iludem-se porque são afetados por desejos inconscientes de terem filhos fiéis e perfeitos. Adultos assim são incapazes de observar o próprio coração e utilizar a percepção e o discernimento. Em razão disso, familiares apontam defeitos de educação nos filhos alheios, mas demonstram ignorar os defeitos dos próprios filhos. Não obstante, é bom lembrar que a autoilusão pode não ser simplesmente uma espécie de desonestidade ou fraqueza moral. Muitas vezes, trata-se de uma questão de "cegueira cognitiva", processo mental de percepção, memória, juízo e/ou raciocínio; ou mesmo de incompetência. Os que buscam ilusões acabam tendo muito sofrimento, pois, quando se deparam com a realidade, censuram-se e incriminam-se, às vezes por anos a fio.

6.5 - REFLEXÕES SOBRE ESTA FÁBULA

> Os homens correm atrás dos bens terrestres como se os devessem guardar para sempre; mas aqui não há mais ilusão; eles se apercebem logo de que não agarraram senão uma sombra, e negligenciaram os únicos bens sólidos e duráveis, os únicos que lhes são de proveito na morada celeste, os únicos que podem a ela lhes dar acesso. (ESE, cap. II, item 8, Boa Nova Editora).

"Nossas ações são como os motes (provérbios): cada um entende como quer" (Hammed[1] *apud* La Rochefoucauld[3]).

1 - Hammed é o nome do espírito ao qual o médium paulista Francisco do Espírito Santo Neto atribui a maior parte de suas obras psicografadas.

3 - François, Duque de La Rochefoucauld (Paris, 15 de setembro de 1613 — Paris, 17 de março de 1680) foi um moralista francês, François VI, Príncipe de Marcillac e, mais tarde, Duque de La Rochefoucauld.

Recordando

O compartilhamento de interesses, atividades e objetivo comum é considerado sociedade, termo que é em muitas vezes usado como sinônimo para o coletivo de cidadãos. Porém, deve-se ter em mente que muitas das vezes os interesses e objetivos de alguns grupos divergem apesar de interligadospoliticamente, culturalmente interna ou externamente. O conflito quando estabelecido num determinado contexto, age como estímulo a mudanças, amadurecimento ou aquisição de novas perspectivas para duas ou mais sociedades em que os membros representativos defendem ideias divergentes, competidoras e conflitantes.

SUGESTÃO!

Assista ao depoimento da psicóloga Liliane Drapala, disponibilizado no AVA.

6.6 - EXERCÍCIOS PROPOSTOS

1) O que é sociedade?

_____
_____
_____
_____

2) Existe conflito em sociedades?

_____
_____
_____
_____

7 – NA PROFISSÃO

A profissão é o papel individual a ser desenvolvido no decorrer de uma existência em sociedade. Atividade considerada honesta a ser exercida em interação com outros em benefício próprio desde que em conformidade com a própria vocação e a dignidade da pessoa humana.

Profissão é o papel desempenhado de forma especializada na sociedade, intitula-se quem exerce atividade profissional. As profissões exigem do profissional conhecimento específico, pesquisa e constante atualização.

É comum ao assumir uma profissão o indivíduo deixar de ser reconhecido pelo nome e passar a ser reconhecido pela profissão, por exemplo, Marcos passa a ser o professor quando exerce a licenciatura ou o técnico quando exerce a profissão técnica.

Algumas profissões têm o seu próprio código de ética, ou seja, um conjunto de normas com origem na ética a serem cumpridas obrigatoriamente. O código é escrito a partir da lei pública e da observação dos princípios morais.

Assim, os princípios éticos passam a ser tão respeitados quanto às leis. Os códigos não só norteiam, orientam as práticas profissionais; influenciam julgamentos nos quais se discutam conflitos relativos à conduta profissional.

A desobediência ao código pode resultar em punições como a suspensão temporária ou permanente da permissão para exercer a profissão. A aplicação de punições como esta, pode ser feita pelo conselho ao qual pertencer o profissional e só não terá validade perante a justiça comum, se o código de ética elaborado conflitar com a lei maior, a constituição.

7.1 – CONTEXTUALIZAÇÃO

7.1.1 - A TRAÇA NÃO RÓI

Leia o texto[2] abaixo:

A COBRA E A LIMA

Conta-se que uma cobra vivia vizinha em uma relojoaria. Um dia ela entrou na oficina atrás de alguma sobra, mas de comida, ali, nem cheiro. Nada encontrando para satisfazer a sua fome e, com o apetite redobrado ao ver uma lima, se põe a roê-la.

A lima então lhe diz:

_ Que pretendes fazer, pobre infeliz? Não vês que sou feita de aço? E que, antes de me prejudicar, você está prejudicando a si mesma? Não percebes que não terás dentes para usar, e eu continuarei intacta, pois não conseguirá tirar de meu corpo o menor pedaço? A mim nada causa contratempo. Os únicos dentes que podem me afetar são os dentes do tempo!

Esta história se endereça a vós que só sabeis criticar, nada mais. A tudo e a todos mordeis, imprimindo a marca ultrajante de vossos dentes, mesmo sobre as obras-primas.

Será que podeis roer essas "limas"? Não se esqueçam: elas são de aço, bronze e diamante!

2 - Esta obra está licenciada sob uma Licença CreativeCommons. Você pode copiar, distribuir, exibir, executar, desde que seja dado crédito ao autor original. Você não pode fazer uso comercial desta obra. Você não pode criar obras derivadas.

7.2 – REFLEXÃO

7.2.1 - A TRAÇA NÃO RÓI

Os bens espirituais que adquirimos são de posse definitiva; portanto, ninguém dá ou tira o valor dos outros. É imprescindível não esquecermos que quem fez por merecer recolhe a felicidade de ver multiplicado tudo aquilo que conquistou.

Assim como a cobra desta fábula, muitas pessoas acreditam que podem desabonar (roer) a vida de outrem, caluniando-os ou difamando-os com afirmações falsas e desonrosas a seu respeito.

Certas criaturas, como o réptil, "nada encontrando para satisfazer a sua fome e, com o apetite redobrado ao ver uma lima, se põe a roê-la", esquecem-se de que existem homens de "aço, bronze e diamante".

Quem adquiriu os "bens imortais" não os perde, mas as "cobras sociais" que tentam corromper a vida alheia não conseguem escutar as advertências da "consistência da lima": "Não vês que não terás dentes para usar, e eu continuarei intacta, pois não conseguirá tirar de meu corpo o menor pedaço?"

Infelizmente, muitos pais supervalorizam seus filhos desde pequenos, dizendo que tudo podem, inclusive "roer lima', e, quando estes crescem, sentem-se superiores. Esse sentimento envolve cada ato e atitude deles, que, de modo inconsciente, consideram-se elevados ao mais alto grau. Em vista disso, disparam recriminações, espalhando-as largamente sobre tudo e sobre todos.

Criticam porque almejam que os outros os aceitem e, "sem querer", acabam por permitir que todo mundo interfira em sua vida. Julgam, criticam e censuram, potencializando o sofrimento autoimposto por se sentirem absolutos e incomparáveis. No fundo, todo superior se sente inferior e, consequentemente, recrimina os outros para chamar atenção para si mesmo.

Diante da crítica mordaz precisamos deixar a "chuva do silêncio" apagar o "incêndio da maledicência" provocado pela incompreensão e intolerância de muitas criaturas desavisadas. O complexo de superioridade gera uma sensação íntima de extremos opostos - de competência e de insuficiência, de extrema habilidade e de total incapacidade. Assim, tais indivíduos apresentam oscilações sistemáticas de comportamento para enfrentar a vida e seus problemas. Sentem-se incongruentes para se relacionar e profundamente inadequados diante de todos, pois, quanto mais se "elevam", mais se sentem diminuídos. Algo indefinido para eles ocupa seu espaço interno.

Ultimamente tornou-se comum o uso da expressão "complexo de superioridade" para indicar um sentimento de vaidade excessiva que não deve ser confundido com o sentimento de origem traumática ou anormal. Pode-se dizer que, em maior ou menor intensidade, todos nós já nos sentimos pretensamente melhores, mais eficientes, mais capazes que os outros. Na atualidade, não existe o que poderíamos chamar de comunidade planetária: uma comunidade de caráter cósmico ou universal transcende os limites tradicionalistas e retrógrados em que vivemos. O que há são simplesmente grupos de pessoas críticas e receosas, sem vontade própria e facilmente manipulável.

Os indivíduos se reúnem numa espécie de "rebanho" ou "massa inconsciente", porque têm medo e, por medo, refugiam-se entre os seus supostos semelhantes.

Há "massas" de operários, de empresários, de religiosos, de cientistas, de filósofos, de discriminados sociais... Todos se agrupam e criticam para se auto defender. E por que tanto se protegem? Porque desconhecem o que levam dentro de si. Só temos medo quando não vivemos de acordo com nossa realidade íntima, quando não estamos de acordo com nós

mesmos. Aliás, tudo não passa de uma questão de conveniência evolutiva. Um dia, porém, cada um de nós terá de encontrar por si mesmo o "permitido" e o "proibido".

No final desta fábula, La Fontaine deixa uma mensagem a todos aqueles que se acham inigualáveis: "Esta história se endereça a vós que só sabeis criticar, nada mais. A tudo e a todos mordeis, imprimindo a marca ultrajante de vossos dentes, mesmo sobre as obras-primas".

Há indivíduos que, por se julgarem o máximo, acabam "roendo lima". Maldizem até a mais bela obra de arte. Menosprezam, igualmente, os que adquiriram "obras transcendentais", aquelas que as traças não roem. Depreciam os bens conquistados pelos que não são escravos da opinião pública; pelos que sabem distinguir aquilo que lhes é útil daquilo que não lhes serve; pelos que dirigem seu comportamento conforme julgam correto, porque desenvolveram o "senso crítico", o discernir ético, propriedade de uma individualidade universal.

7.3 - CONCEITOS-CHAVE

a) Senso comum

É a primeira compreensão de mundo resultante da herança cultural e das experiências familiares que um indivíduo sedimenta em si mesmo. É um conjunto de opiniões, juízos e entendimentos no qual prevalece o contexto social em que se vive, e que se impõem como naturais e necessários, não envolvendo ponderação, avaliação ou questionamentos. Quase sempre, o senso comum é baseado em fontes de conhecimento que oscilam entre a tradição e o não saber, a ingenuidade e os preconceitos. Agir de acordo com o senso comum é se deixar guiar pela submissão às ideias dominantes e aos poderes preestabelecidos.

b) Senso crítico

A palavra crítico vem do latim "*criticus*", derivado do grego kritikós (que julga, avalia, decide, ou seja, que questiona sempre). Somente desenvolvemos o crivo da razão quando aprendemos a arte de questionar. Questionar é pensar, refletir, contestar fatos, conceitos; é apresentar ideias em objeção a outras ideias; é investigar metodicamente algo ou opiniões. Devemos ter o hábito de perguntar a nós mesmos se aquilo que temos ao nosso dispor é realmente bom, se é o melhor segundo nossa concepção de vida e se é verdadeiro. Nunca aceitemos nada, nem mesmo o que se está lendo agora, sem questionamento. O senso crítico dá ampla consciência do adequado e do inadequado.

c) Complexos

Segundo Jung, conjuntos de experiências traumáticas ou choques emotivos que têm dinâmica e atividades próprias e se estruturam como unidades autônomas no nosso inconsciente pessoal. Eles são provocados por situações psíquicas de forte comoção contraídas nas áreas sociais, culturais, sexuais, religiosas e outras tantas. Embora a infância seja a fase mais própria para se adquirirem os complexos, eles podem ser provocados e manifestados em qualquer fase da vida. Quanto mais consciência tivermos dos nossos complexos, mais poderemos formatar um arranjo emocional dinâmico para nosso desenvolvimento pessoal.

7.4 - MORAL DA HISTÓRIA

A crítica perniciosa é subproduto de criaturas que nada realizam de importante, não enfrentam desafios nem se arriscam a transformações ou mudanças. Os críticos mordazes ficam imobilizados, observando sistematicamente o que as pessoas dizem, fazem e pensam, para depois maldizerem as realizações alheias, usando suas elucubrações doentias e apartadas de uma mente objetiva e racional. São fortemente presos às normas sociais e a inúmeras convenções; submetem-se ao "senso comum", e não ao próprio "senso crítico". A crítica séria só admite o que é suscetível de prova. Quem é provido de senso crítico

tem consciência lúcida e rompe com as posições subjetivas, preconceituosas, pessoais e mal fundamentadas, retiradas das crenças populares. As discordâncias são perfeitamente saudáveis e normais, desde que se apoiem em fatos concretos, e não nos vapores das suposições ou das projeções da personalidade doentia.

7.5 - REFLEXÕES SOBRE ESTA FÁBULA

> Preservai-me (...) do orgulho, que poderia me enganar sobre o valor do que obtenho; de todo sentimento contrário à caridade com respeito aos outros (...). Se estou induzido ao erro, inspirai a alguém o pensamento de me advertir, e a mim a humildade que me fará aceitar a crítica com reconhecimento, e tomar para mim mesmo, e não para os outros (...) (ESE, cap. 28, item 10.).

"Somos muitas vezes mais maledicentes por vaidade do que por malícia" (Hammed[1] *apud* La Rochefoucauld[3]).

1 - Hammed é o nome do espírito ao qual o médium paulista Francisco do Espírito Santo Neto atribui a maior parte de suas obras psicografadas.

3 - François, Duque de La Rochefoucauld (Paris, 15 de setembro de 1613 — Paris, 17 de março de 1680) foi um moralista francês, François VI, Príncipe de Marcillac e, mais tarde, Duque de La Rochefoucauld.

Recordando

A profissão é o papel desenvolvido na sociedade considerado honesto e a ser exercido em interação com outros em benefício próprio desde que em conformidade com a própria vocação. Algumas profissões são regidas pelo próprio código de ética e a desobediência ao código pode resultar em punições aplicáveis pelo conselho ao qual pertencer o profissional e que só não terá validade perante a justiça comum, se o código de ética elaborado conflitar com a lei maior, a constituição.

SUGESTÃO!

Assista ao depoimento da psicóloga Liliane Drapala, disponibilizado no AVA.

7.6 - EXERCÍCIOS PROPOSTOS

1 - O que é profissão?

_____
_____
_____
_____

2 - Pelo que são regidas algumas profissões?

_____
_____
_____
_____

8 - NO TRABALHO

Ética no trabalho é diferente de ética na profissão; o trabalho vem a ser a força aplicada ao desenvolvimento da profissão na sociedade. A ética no trabalho está na força de trabalho não ser explorada exaustivamente ou de forma desumana em grupo ou individualmente.

Trabalho é a execução da profissão especializada na sociedade, intitula-se quem exerce a função de trabalhador. O trabalho exige do trabalhador concentração, repetição, empenho, energia e atenção.

É comum ao executar um trabalho o indivíduo deixar de ser visto como ser humano para ser visto como máquina, produção ou resultado, contudo, deve-se ter em mente que a disposição para o trabalho não é constante, estável. Haverá dias em que o trabalhador estará mais disposto ou menos disposto devido a estímulos externos ou internos.

As empresas, chefias e lideranças devem considerar os altos e baixos da instabilidade humana de forma ética. Devem planejar suas ações e resultados prevendo um conjunto de fatores de ordem emocional, comportamental e em alguns casos até financeiros que podem interferir no trabalho do seu profissional.

Ações éticas em benefício do trabalhador favorecem a credibilidade na empresa e um maior empenho na execução do trabalho, pois, o tratamento dispensado ao trabalhador influencia na produção e consequentemente nos resultados; além de a inexistência de ações éticas não ser uma boa opção por se denunciada resultar em punições, processos e multas quando apuradas e comprovadas.

8.1 – CONTEXTUALIZAÇÃO

8.1.1 - O PLÁGIO

"Há quem se reveste da personalidade de outrem, ou a assume, para se ocultar, dissimular ou encobrir a própria personalidade. Mascara-se ou se "maquia" para alterar algo ou manter em segredo uma realidade que quer resguardar" (Hammed[1]).

Leia o texto[2] abaixo:

O GAIO ENFEITADO COM AS PLUMAS DO PAVÃO

Um gaio (ave da família dos corvídeos do tamanho aproximado de uma pomba e de plumagem marrom-avermelhada, com asas e caudas negras), apoderou das penas que um pavão trocara. Colocou-as em seu corpo e acreditando ser uma bela ave, foi exibir-se entre os outros pavões.

Reconhecido, ei-lo enxotado a bicadas e empurrões violentos. Depenado pelos pavões, ele foge entre vaia estrondosa, corrido, por ludibriar; leva o corpo em carne viva.

Buscando asilo e refúgio entre os gaios, seus iguais, foi repelido a assobios e gargalhadas. Gaios bípedes eu conheço que não são imaginários; eles usurpam penas alheias e se chamam plagiários.

Mas, cala-te, boca! Não é do meu feitio apontar os impostores! Entre os pavões são notórios os gaios que se apoderam do que não lhes pertence.

2 - Esta obra está licenciada sob uma Licença CreativeCommons. Você pode copiar, distribuir, exibir, executar, desde que seja dado crédito ao autor original. Você não pode fazer uso comercial desta obra. Você não pode criar obras derivadas.

8.2 – REFLEXÃO

8.2.1 – O PLÁGIO

Plagiar não é somente fazer imitação de um trabalho alheio ou apresentar como da própria autoria uma obra artística, literária, científica que pertence a outrem. Pode também ser interpretado, psicologicamente, como uma atitude íntima que se opera na casa mental além dos limites da percepção consciente.

"Querer ser ou parecer o outro", na maior parte das vezes, é um fenômeno inconsciente, pois a atividade mental do indivíduo acontece por meio de atitudes imperceptíveis, não deixando explícita sua intencionalidade. Há, porém, inúmeras formas de plagiar que se encaixam perfeitamente no quadro de estados patológicos da mente.

Adornar-se com "penas de pavão" pode parecer simplesmente uma "fantasia", mas é uma defesa do ego que proporciona satisfação ilusória para os desejos íntimos não realizados. O inconsciente cria uma satisfação substituta que supostamente supre a realidade.

Esses processos psíquicos são frequentes em indivíduos saudáveis, mas, em excesso, eles sugerem sintomas neuróticos e, em alguns casos extremados, indicariam até psicopatia, transtorno mental caracterizado por desintegração da personalidade, conflito com a realidade ou fragmentação da casa mental. Daí o termo esquizofrenia: do grego "skhizo" (separar, dividir, fender) e "phrên, phrenós" (coração, alma, mente, vontade).

Existem homens que apresentam comportamento idêntico ao dos "gaios", pois vivem situações fantasiosas, impregnando-se de peculiaridades ou características de outrem, e se transformam, total ou parcialmente, de maneira irreal, no modelo idealizado. É um anseio imaginário em que o sujeito está vivenciando, de modo dissimulado, uma necessidade íntima, consciente ou não.

Muitos de nós deixamos de viver saudavelmente porque idealizamos um futuro ilusório; e baseamos a vida em ideias sem consistência ou fundamentos reais. Esperar aceitação total na Terra é ilusão, e esperança de agradar a maioria das criaturas é ilusão ainda maior.

Recheamos a mente de teorias e ideias inacessíveis e a boca de admiráveis palavras, em vez de intensificarmos o melhor de nós mesmos na vida prática.

As "árvores" não serão conhecidas e respeitadas apenas por sua aparência exterior. Não só pelo caule vetusto ou copa frondosa. Não apenas por suas folhagens verdejantes ou ramos mirrados. Nem pela feição imponente ou aspecto definhado. Não só pela exuberância das flores ou pelas pétalas sem viço. Não apenas pela fragrância suave ou pelos aromas desagradáveis. Mas, sobretudo pelos frutos, pela serventia, pela capacidade de produzir. Igualmente acontece com a nossa individualidade transcendental em desenvolvimento.

Na natureza, os "gaios" são tão importantes quanto os "pavões" e, na coletividade humana, cada um de nós tem sua própria importância e é chamado a cooperar de modo singular no concerto da vida.

Um ser desperto e lúcido não nos analisará pelo que parecemos, não fará juízo de valor aquilatando simplesmente nossa exterioridade, ou mesmo examinando apressadamente nossos atos e atitudes, mas sim, observará nossa capacidade de realização e colaboração no bem comum e na nossa habilidade de expressar socialmente algo positivo de que todos possam usufruir.

De nada nos adianta uma máscara ou aparência plagiada, pois seremos apreciados pelas nossas reais intenções e atitudes interiores. Por isso, sim, seremos conhecidos.

8.3 - CONCEITOS-CHAVE

a) Mecanismos de defesa do ego

São processos psíquicos inconscientes que aliviam o ego do estado de tensão causado por ameaças e fatos inaceitáveis que emanam da realidade externa. Ao permitirmos que alguns conteúdos psicológicos indesejáveis cheguem claramente à consciência, esses mecanismos entram em ação para dar suporte enquanto não encontramos solução para os conflitos que julgamos incapazes de resolver.

b) Máscara

Deriva do italiano "*maschera"*, já as palavras "pessoa" e "personagem" originam-se do latim "*persona"*, que significa "máscara de ator de teatro". Todas as pessoas têm sua personalidade, ela é delimitadora de sua relação com seus iguais, é a máscara que todos usam nas suas relações interpessoais. Conceitua-se personalidade tudo aquilo que distingue uma pessoa de outras, quer dizer, o conjunto de características psicológicas que determinam sua individualidade.

c) Idealização

É viajar ao mundo da fantasia. É tirar os pés do chão e pisar num palco, onde representamos imprevistos e inusitados papéis. No amor, a idealização é uma aventura irreal, um conto de fadas. É assim que pensam muitos: "ela corresponderá a todos os meus anseios"; "ele será decidido e me protegerá sempre", "ela jamais me decepcionará", "ele nunca olhará para outra"; "ela será servil e me deixará tomar as decisões". A insanidade do idealizador é ignorar a própria idealização e a vida real, que passa despercebida.

8.4 - MORAL DA HISTÓRIA

Quem não se contenta com o que é e com o que teme, cobiça o que ao outro pertence e acaba perdendo o que lhe era próprio. Tomemos consciência do que nós somos agora. Vivamos o hoje. Sem expectativas e idealizações, estaremos rumo a nossa própria realidade, ou seja, à existência pela qual Deus nos criou. Aquele que vive a partir de sua essência, sem se deixar escravizar pelas forças obscuras das convenções sociais, com certeza atingirá seus objetivos íntimos e cumprirá suas metas existenciais. Possuímos uma vida singular. Esse sentimento de que todos menos nós temos uma vida de valia, utilitária e valorosa é repercussão do passado. Crenças negativas que nos impedem de desenvolver saudavelmente a criatividade. A felicidade de cada indivíduo existe na proporção direta do grau de realidade em que ele vive.

8.5 - REFLEXÕES SOBRE ESTA FÁBULA

> A benevolência para com os semelhantes, fruto do amor ao próximo, produz a afabilidade e a doçura que lhe são a manifestação. Entretanto, não é preciso se fiar sempre nas aparências; a educação e a civilidade do mundo podem dar o verniz dessas qualidades. Quantos há cuja fingida bonomia não é senão máscara para o exterior (...). (ESE, cap. IX, item 6, Boa Nova Editora).

"Tão acostumados estamos a nos disfarçar para os outros que acabamos nos disfarçando para nós mesmos" (Hammed[1] *apud* La Rochefoucauld[3]).

1 - Hammed é o nome do espírito ao qual o médium paulista Francisco do Espírito Santo Neto atribui a maior parte de suas obras psicografadas.

3 - François, Duque de La Rochefoucauld (Paris, 15 de setembro de 1613 — Paris, 17 de março de 1680) foi um moralista francês, François VI, Príncipe de Marcillac e, mais tarde, Duque de La Rochefoucauld.

Recordando

O trabalho é o esforço aplicado ao desenvolvimento de uma profissão em interação com outros em benefício próprio desde que em conformidade com os objetivos a serem alcançados. Alguns trabalhos são exercidos de forma exaustiva, o que não é permitido por lei e a desobediência ao código pode resultar em punições aplicáveis pela Delegacia Regional Trabalho.

Sugestão!

Leitura da fábula encontrada no Cantinho das Fábulas - histórias que ensinam como viver.

A LEBRE E O CÃO DE CAÇA

Um cão de caça, depois de conseguir fazer com que uma lebre saísse de sua toca, depois de uma longa perseguição, de repente para sua caçada. Um pastor de cabras vendo-o parar ridicularizou-o dizendo:

_ Aquele pequeno animal é um corredor melhor que você.

E o cão de caça exclama:

- Você não vê a diferença que existe entre nós? Eu estava correndo apenas para conseguir um jantar, mas ele corria por sua vida.

Moral da História: O motivo pelo qual realizamos uma tarefa é o que vai determinar sua qualidade final.
Autor: Esopo

8.6 - EXERCÍCIOS PROPOSTOS

1 - O que é trabalho?

_____
_____
_____
_____

2- O que prioriza a ética no trabalho?

_____
_____
_____
_____

9 - ÉTICA NO EXERCÍCIO DA PROFISSÃO

É de extrema relevância questões relacionadas à ética no exercício da profissão.

Contudo, ao falar de ética na interação entre grupos sociais, deve-se além de discursar sobre o que é ética e sua evolução até os dias de hoje; deve-se também construir uma proposta social baseada na ética dentro dos padrões atuais do capitalismo econômico.

A presença de valores éticos não pode se limitar ao plano das ideias características a uma organização globalizada e nem ser atribuída apenas à individualidade. Para isso, a visualização de valores que se quer e o respeito ao código da profissão são práticas a serem executadas diariamente.

O exercício da profissão é um dos campos mais férteis para a prática da ética. Mas ainda assim, nem todas as decisões são baseadas nas reflexões de princípios éticos. Em muitas situações a discriminação, o preconceito impede a existência de um espaço conciliador de diversidades humana.

A resolução de conflitos não se concretiza se houver descrença generalizada em lideranças, chefias ou superiores e, consequentemente, o que haverá é a falta de perspectiva e de confiança na empresa se instalando a dissimulação e faz de conta entre os profissionais e/ou trabalhadores que se encontram em conflito.

Os resultados são negativos e quando a vida pessoal de um dos integrantes do grupo estiver prejudicando o bom desempenho, esse profissional não se sentirá a vontade para solicitar auxílio dos seus supeiores por não identificar a ética no exercício da profissão.

9.1 – CONTEXTUALIZAÇÃO

9.1.1 - O DIREITO DE IR E VIR

"Nunca devemos nos aliar a alguém com finalidade perversa e vingativa, pois a dependência criada nesse tipo de cumplicidade pode nos acarretar prejuízos de toda sorte, aprisionando-nos à tramoia por tempo indeterminado" (HAMMED[1]).

Leia o texto[2] abaixo:

O CAVALO QUE QUIS SE VINGAR DO CERVO

O cavalo não era doméstico outrora.

Houve um tempo em que os homens se alimentavam só de frutos. Nessa época viviam nas florestas os cavalos, jumentos, burros, mulas, todos livres correndo pelos campos.

Não havia, como agora, arado, selas, selins, cadeirinhas, carruagens, arreios, nem também tantos banquetes, casamentos e festins.

Foi quando o cavalo teve uma discussão com um cervo extremamente lépido e, não havendo um modo de alcançá-la, foi, pois, o cavalo implorar o auxílio do homem.

1 - Hammed é o nome do espírito ao qual o médium paulista Francisco do Espírito Santo Neto atribui a maior parte de suas obras psicografadas.

2 - Esta obra está licenciada sob uma Licença CreativeCommons. Você pode copiar, distribuir, exibir, executar, desde que seja dado crédito ao autor original. Você não pode fazer uso comercial desta obra. Você não pode criar obras derivadas.

O homem meteu-lhe um freio, nas costas uma sela e, saltando-lhe ao dorso, somente lhe deu descanso quando matou o infeliz cervo.

Isso feito, eis que o cavalo agradece ao benfeitor e diz-lhe:

_ Obrigado! Agora te apeia e leva o que caçaste. Estou muito agradecido por tão distinto favor. Vou voltar à floresta, onde vivo. Adeus, adeus, meu senhor!

Não _ respondeu-lhe o homem. _ Não irás retomar, pois agora o teu lar será este aqui, junto comigo! Tu não padecerás de fome ou frio e terás uma manjedoura abarrotada de feno.

_ De que vale a fortuna se a liberdade é perdida! Assim, viu-se o cavalo privado do maior bem desta vida. E quando volta, a estrebaria já estava construída.

Ali terminou seus dias sempre arrastando o grilhão. Não teria sido melhor que houvesse dado o perdão de tão leve ofensa ao pobre veado?

O mesquinho prazer de se vingar não compensou pagar o alto preço da perda do direito de ir e vir.

9.2- REFLEXÃO

9.2.1 - O DIREITO DE IR E VIR

Um dos grandes perigos da revanche ou da vingança é ficarmos presos ou subordinados a certas condições inalteráveis estabelecidas no ato vingativo. Falar ou agir sem pensar nas consequências é como disparar uma flecha sem apontar ou visualizar a direção.

"(...) O cavalo teve uma discussão com um cervo extremamente lépido e, não havendo um modo de alcançá-lo, foi, pois, o cavalo implorar o auxílio do homem.

"(...) o cavalo agradece ao benfeitor e diz-lhe: _ Obrigado! Agora te apeia e leva o que caçaste. Estou muito agradecido por tão distinto favor. Vou voltar à floresta, onde vivo. Adeus, adeus, meu senhor!"

Se o procedimento do homem foi perspicaz, a conduta do cavalo foi de excessiva ingenuidade. Podemos conjecturar ou deduzir sobre esta atitude avaliando o sábio provérbio oriental: ''A palavra que tens dentro de ti é tua serva; aquela que deixas escapar é tua senhora".

É comum encontrarmos em sociedade indivíduos que, como o cavalo, falam e agem impensadamente e se esquecem de que a sua ingenuidade pode impedi-los de deslocar-se de um lugar a outro. O cárcere é uma janela aberta no muro negro da ingenuidade.

Podemos nos sentir aliviados momentaneamente em "tirar a desforra" vingando-se de alguém por aquilo que ele fez; entretanto, ninguém nos concedeu a prerrogativa de castigar pessoa alguma por qualquer coisa. "O mesquinho prazer de se vingar não compensou pagar o alto preço da perda do direito de ir e vir".

O ser consciente não quer subjugar outras criaturas; a lucidez mental está em discordância tanto com o autoritarismo quanto com a escravidão. O dominador é aquele que não sabe sentir-se indivíduo, a não ser em função de subjugar outro ser, o dominado.

A palavra é uma corrente de força que conduz sons e veicula sentimentos. Em virtude disso, quando falamos, mostramos aos outros, com toda a transparência, aquilo que realmente somos. O verbo é a veste do pensamento.

Verbalizando, começamos a atrair. Quem se vinga atira uma pedra que voltará sempre ao

local de onde procedeu.

Não devemos permitir que nossa palavra corra adiante do pensamento; precisamos usá-la a nosso favor.

Da mesma forma que, sem luz física, não vemos o mundo e, como resultado, não verbalizamos bem a maneira pela qual algo se apresenta, sem luz íntima também não nos expressamos com prudência, não ponderamos as palavras antes de pronunciá-las.

A força das palavras atrai, gradativamente, todos aqueles que pensam da mesma forma e que passarão a formar um ambiente comum em redor de nós. O que proferimos cria para nós uma espécie de sina.

A palavra maledicência - do latim "*maledicentia, ae*" - significa ação de falar mal dos outros, difamação, intriga, palavra que denigre; comentário maldoso. Por extensão de sentido, podemos deduzir que maledicente não é apenas aquele que maldiz as pessoas, mas também o que maldiz a si mesmo. Usar a palavra contra nós mesmos é quando damos a ela um mau sentido ou nos utilizamos dela ingenuamente, sem reflexão, ponderação e critério.

A propósito, na fábula em estudo, o feitiço voltou-se contra o feiticeiro, a vingança recaiu sobre o vingador. Assim como ocorreu com o cavalo, muitos seres humanos, antes livres, por serem crédulos e simplórios, fizeram mau uso das palavras. Sem pensar nas consequências, encarceraram a si próprios nos grilhões do "arreio, freio, sela e estrebaria" - dívidas contraídas por um favor e/ou benefício recebido.

Uma só palavra dita no momento certo vale mais do que uma detalhada explanação que chega tarde demais. Podemos curar o ferimento que uma espada faz; no entanto, é irreparável o prejuízo que uma palavra provoca.

9.3 - CONCEITOS-CHAVE

a) Ingenuidade

Modo de ser de pessoas que agem movidas por sentimentos de inocência e pureza. O ingênuo só vê qualidades; nunca enxerga defeitos. Não se alcança a felicidade crendo com facilidade em qualquer pessoa ou coisa, ou mesmo deixando-se envolver por uma alegria presunçosa ou credulidade excessiva.

b) Malícia

Aptidão ou inclinação que tem como raiz uma intenção maldosa; habilidade para ludibriar e depreciar por vias indiretas. Tendência para enganar e prejudicar os outros, utilizando a má índole; em outras palavras, capacidade de ver os outros com os "olhos da maldade".

c) Ir e vir

É um direito, uma conquista de indivíduos libertos, aqueles que fazem sua caminhada existencial sabendo que sua liberdade depende exclusivamente de sua autorresponsabilidade. O ser livre não precisa exercer poder ou domínio sobre as pessoas, uma vez que a liberdade é um sentimento oposto ao desejo de controle e posse. Os possessivos são aqueles que não conseguem ser reconhecidos por seus valores internos, a não ser quando dirigem e dominam os outros.

9.4 - MORAL DA HISTÓRIA

Qualquer que seja a circunstância em que estejamos vivendo lembremo-nos de que nosso mundo só diz respeito a nós próprios. Fiquemos alertas ao modo como os "peregrinos"

se aproximam e provocam certas sensações: a expectativa através da promessa, a culpa através da insinuação, a ira através do ataque, o burburinho através da calúnia, a paixão através da sedução, a soberba através da adulação, o temor através da chantagem. Viver em paz requer constante vigilância, por isso, note bem como funciona a manobra oculta por eles empregada. Nunca devemos nos aliar a alguém com finalidade perversa e vingativa, pois a dependência criada nesse tipo de cumplicidade pode nos acarretar prejuízos de toda sorte, aprisionando-nos à tramoia por tempo indeterminado.

9.5 - REFLEXÕES SOBRE ESTA FÁBULA

"(...) A vingança é uma inspiração tanto mais funesta quanto à falsidade e a baixeza são suas companheiras assíduas; com efeito, aquele que se entrega a essa fatal e cega paixão não se vinga quase nunca a céu aberto. (...)" (ESE, cap. 12, item 9, Boa Nova Editora)

"O que parece generosidade muitas vezes nada mais é que ambição disfarçada, que desdenha pequenos interesses para ir aos grandes" (Hammed[1] *apud* La Rochefoucauld[3]).

1 - Hammed é o nome do espírito ao qual o médium paulista Francisco do Espírito Santo Neto atribui a maior parte de suas obras psicografadas.

3 - François, Duque de La Rochefoucauld (Paris, 15 de setembro de 1613 — Paris, 17 de março de 1680) foi um moralista francês, François VI, Príncipe de Marcillac e, mais tarde, Duque de La Rochefoucauld.

Recordando

O exercício da profissão é um dos campos mais férteis para a prática da ética. Mas ainda assim, nem todas as decisões são baseadas nas reflexões de princípios éticos. Em muitas situações a discriminação, o preconceito impedem a existência de um espaço conciliador de diversidades humana. E, consequentemente a resolução de conflitos não se concretiza devido à descrença generalizada em lideranças, chefias ou superiores; restando apenas o faz de conta entre os profissionais e/ou trabalhadores que integram a organização.

SUGESTÃO!

Assista ao vídeo disponibilizado no AVA.

9.6 - EXERCÍCIOS PROPOSTOS

1) Por que o exercício da profissão é um campo fértil para o exercício da ética?

_____
_____
_____
_____

2) O que pode acontecer em consequência da falta de ética no exercício da profissão?

_____
_____
_____
_____

10 -Ética e Lei

Segundo GUSMÃO (2007), as civilizações antigas não distinguiam o direito da moral e da religião. Para eles o direito e os costumes sociais eram a mesma coisa. Moral, religião e direito confundiam-se. Nos códigos antigos, encontra-se não só preceitos jurídicos, como, também, prescrições morais e religiosas. O direito naquele tempo ainda não havia adquirido autonomia, talvez porque, nas sociedades antigas, a severidade dos costumes e a coação religiosa favoreciam o que o direito só conseguiu mais tarde, com muita coerção.

Para FREIRE (1992), é preciso recorrer menos à Lei e mais a ética, as práticas que gerem o bem comum, que superem o individualismo e ampliem o olhar para o entorno, para o mundo, para os outros e para se mesmo. Deve-se olhar para se mesmo não de forma ensimesmada, mas, sim, dentro do contexto social.

BRASIL (2004) refere-se à escola como o espaço de crítica às relações sociais e afirma que a melhoria do sistema social só será alcançada quando a escola for um espaço promotor de conhecimentos e transformação das injustiças e desigualdades sociais vigentes.

Para BENTO (2003) reconhecer a realidade de discriminação e preconceitos em que se vive, é atuar para transformá-la. Não fazê-lo é uma evidência concreta de que algum benefício se tira da situação em que se encontra. E por isso, a resistência à mudança. Mudar, por exemplo, no sentido de reconhecer que muitas vezes aquilo que, orgulhosamente, se classifica como mérito é, de fato, um privilégio.

Diante do que afirma esses estudiosos pode-se afirmar que só a mudança no comportamento de cada indivíduo pode levar uma sociedade de eticamente construída e perpetuada em toda e qualquer relação de interação de grupos sociais.

10.1 - CONTEXTUALIZAÇÃO

10.1.1 - AJUSTAR AS VELAS DO BARCO...

"Muitos de nós desconhecemos o verdadeiro significado da liberdade, dádiva concedida ao indivíduo para poder exprimir-se, responsavelmente, consciência e natureza (...). A propósito, é bom lembrar que "viver solto" é completamente diferente de "viver livre"" (Hammed[1]).

Vejamos o texto[2] abaixo:

O LOBO E O CACHORRO

Um lobo, que era magro de dar dó, pois boa-vida não lhe davam os cães de guarda, certo dia encontra um desses animais, tão gordo e tão forte que era de fazer inveja.

O cão, que estava perdido, pois se distanciou dos donos enquanto eles passeavam, em vez de atacar o lobo, deu-lhe um pedaço da carne que trazia.

1 - Hammed é o nome do espírito ao qual o médium paulista Francisco do Espírito Santo Neto atribui a maior parte de suas obras psicografadas.

2 - Esta obra está licenciada sob uma Licença CreativeCommons. Você pode copiar, distribuir, exibir, executar, desde que seja dado crédito ao autor original. Você não pode fazer uso comercial desta obra. Você não pode criar obras derivadas.

O lobo come com prazer, mas, temendo que o cão o atacasse, como os outros cachorros que tentavam se aproveitar de sua fraqueza, dirigiu-lhe a palavra humildemente e fez um elogio, dizendo-lhe que admirava sua robustez e que gostaria de ficar como ele.

O cão explicou-lhe: _ Se quer ser bonito e gordo como eu, deixe o bosque e me acompanhe. Seus semelhantes são miseráveis, pobres diabos sem opção, cuja única condição é morrer de fome. Venha comigo e você terá um destino melhor.

O lobo perguntou: _ O que será necessário fazer?

E o cachorro respondeu: _ Quase nada. É mesmo pouca coisa: basta afugentar os que portam cacetes, ou vêm mendigar; defender a todos os da casa, e ao dono com agrados receber. Em troca da caça que você conseguir, as pessoas lhe darão moradia, carnes - quem sabe, até lombo, restos de ossos de peru, perdiz, frango e pombos... Isso sem falar de muitas carícias. Venha comigo. Você irá sentir prazer em ter um senhor.

O lobo, já antevendo tamanha felicidade, chora de emoção e decide acompanhar o cão de guarda. Percorrendo o caminho que o levaria à fartura e aos bons tratos, ele vê algo que lhe pareceu suspeito no pescoço do cachorro e pergunta:

_ Que é isso em seu pescoço, amigo?
_ Nada...
_ Mas como nada? E essa pelada?
_ Essa é a marca da coleira que põem em meu pescoço quando fico preso.
_ Coleira? Preso? - indaga o lobo algo surpreso. - Não se pode sair quando se queira?
_ Nem sempre, e importa?
_ Claro! Isso tem muita importância. Eu nunca trocaria por qualquer iguaria a liberdade. De todas as suas refeições eu não quero nenhuma. O preço que eu teria que pagar por elas é muito alto.

Dizendo isso, o senhor lobo desaparece por entre o verde do bosque e vai caçar.

10.2 – REFLEXÃO

10.2.1 - AJUSTAR AS VELAS DO BARCO

A criatura independente e que goza de certa autonomia está apta à autorrealização, porque age, pensa, vê e sente por si mesma. Por sinal, quase sempre hostilizamos aqueles que são realmente livres, porque eles abalam nossos conceitos de vida alienada e enfadonha.

O ser liberto se auto realiza, porque cria e produz a partir do seu plano ou projeto íntimo; conhece e vivencia a atualidade, no próprio tempo e/ou espaço, de tal modo que o âmago é quem sempre guia e orienta, conduz e ilumina a todo momento.

A pessoa livre é segura, por isso não necessita de inúmeros conselheiros, das crenças impostas, das ideias e ideais dos que se auto denominam porta-vozes do povo. Quando nos deixamos levar pelo "canto da sereia", perdemos o contato com Deus em nós.

Eis aqui uma maneira de ser livre: não ser escravo da opinião ou julgamento da massa comum, não se iludir com as aparências exteriores ou promessas espetaculares e viver o máximo possível os fatos reais, respeitando o tempo de cada conquista e reconhecendo em cada pessoa o grau evolutivo que lhe é devido.

Todos nós queremos a liberdade. Não obstante, vivemos amarrados e totalmente encarcerados por uma infinidade de ditadores externos e internos.

A liberdade não é alguma coisa que se adquire e que se dê por encerrada. Não é algo que se conquista de uma só vez, e sim uma tarefa permanente, algo que se constrói e que se

deve elaborar dia após dia.

Só a possuem pessoas corajosas as que conseguiram romper os grilhões que, diariamente, a vida em sociedade lança sobre nossas mentes.

Apenas é livre a criatura que não dá ouvidos às vozes da esclerosada opinião social. Precisamos, sim, avaliar, ponderar e julgar o que devemos ou não fazer, de acordo com nossas metas e possibilidades, e não com os pareceres alheios.

Muitos de nós desconhecemos o verdadeiro significado da liberdade, dádiva concedida ao indivíduo de poder exprimir-se, responsavelmente, de acordo com a sua vontade, consciência e natureza.

Não raro os homens trazem a "marca da coleira", como o "cão" desta fábula. Vivem alienados, distanciados das realidades que os cercam, ou melhor, sem conhecer ou compreender os impulsos íntimos (fatores sociais, emocionais e culturais), que os levam a agir e viver de forma prescritiva. A propósito, é bom lembrar que "viver solto" é completamente diferente de "viver livre".

Diante dos poucos que auxiliam libertar, há uma multidão dos que tendem aprisionar.
Se nós verdadeiramente queremos auxiliar os que amamos a serem livres, concedemos-lhes autonomia e independência tal como preservamos para nós a capacidade de nos auto governar.

Jamais devemos ser conduzidos por padrões estereotipados. É fato alienante estar com a mente cheia de conhecimentos dos outros e não adquiridos por nós. Aprendendo a pensar por nós mesmos, experimentamos a liberdade.

10.3 - CONCEITOS-CHAVE

a) Alienação

É o estado doentio de um indivíduo que perdeu o contato consigo mesmo e com o que acontece em seu derredor. As pessoas alienadas carecem de si mesmas e se tornam sua própria negação. Existem coisas que não basta tê-las aprendido só pelas vias do intelecto; para assimilá-las realmente, é necessário utilizar as vias intuitivas da própria alma.

b) Projeto íntimo

Desejo vocacional nada tem a ver com a ansiedade de ter uma profissão que garanta bens sociais, monetários e muito prestígio. Na realidade, desejo vocacional ou projeto íntimo são a mesma coisa. O termo vocação tem abrangência bem maior do que se pensa e alcance metafísico que abarca o acúmulo de conhecimentos que o espírito armazenou ao longo das diversas encarnações. Quem persiste em seu projeto íntimo não se queixa da ventania, nem espera que ela passe; simplesmente ajusta as velas do barco da própria existência.

c) Normativo

Aquilo que não permite contestação ou contradição; que serve de norma absoluta; que estabelece padrões de comportamento perfeito.

10.4 - MORAL DA HISTÓRIA

Quem age segundo o ponto de vista dos outros está muito longe de ser um homem livre. De todos os bens que o homem possa ter, o mais valioso é a liberdade. Não há utilidade, conveniência, nem prazeres que compensem o seu sacrifício. A liberdade é tão somente a capacidade de viver com as consequências dos próprios atos e atitudes. Não podemos mensurar a liberdade de ninguém, pois todos nós ainda não sabemos o que é ser livre

de verdade. Liberdade em si não consiste em viver simplesmente livre de grilhões e sem controle, mas sim, em ser o próprio mediador na contenção dos ímpetos, na avaliação das ações, no limite dos anseios e na moderação das emoções. Podemos ser livres sem ferir a nós e aos outros. Na realidade, ao descartarmos o "livro das convenções" teremos mais alegria e dádiva sem violar os direitos naturais que regem todos os seres humanos.

10.5 - REFLEXÕES SOBRE ESTA FÁBULA

> (...) A máxima: Fora da caridade não há salvação é a consagração do princípio da igualdade diante de Deus e da liberdade de consciência; com esta máxima por regra, todos os homens são irmãos, e qualquer que seja a sua maneira de adorar a Deus, eles se estendem às mãos e oram uns pelos outros. (...). (ESE, Cap. XV, item 8, Boa Nova Editora).

"Não desejaríamos as coisas com ardor se soubéssemos perfeitamente o que desejamos" (Hammed[1] *apud* La Rochefoucauld[3]).

1 - Hammed é o nome do espírito ao qual o médium paulista Francisco do Espírito Santo Neto atribui a maior parte de suas obras psicografadas.

3 - François, Duque de La Rochefoucauld (Paris, 15 de setembro de 1613 — Paris, 17 de março de 1680) foi um moralista francês, François VI, Príncipe de Marcillac e, mais tarde, Duque de La Rochefoucauld.

Recordando

As civilizações antigas não distinguiam o direito da moral e da religião. Para eles o direito e os costumes sociais eram a mesma coisa. Moral, religião e direito confundiam-se. Nos códigos antigos, encontra-se não só preceitos jurídicos, como também, prescrições morais e religiosas. O direito naquele tempo ainda não havia adquirido autonomia, talvez porque, nas sociedades antigas, a severidade dos costumes e a coação religiosa favoreciam o que o direito só conseguiu mais tarde, com muita coerção.

SUGESTÃO!

Assista ao depoimento do advogado Edmundo Mascarenhas.

10.6 - EXERCÍCIOS PROPOSTOS

1) O que o estudioso GUSMÃO afirma sobre ética e direito?

_____
_____
_____
_____

2) O que sugere o estudioso BENTO?

_____
_____
_____
_____

11 - TÉCNICO EM INFORMÁTICA

É uma profissão com normas e diretrizes que orientam o trabalho das pessoas quanto a posturas e atitudes baseadas em princípios, moralmente aceitas ou esperadas pela sociedade.

Sua prática requer dos profissionais uma conduta politicamente correta e em harmonia com a boa imagem que a instituição ou a profissional quer ocupar.

Naturalmente a humanização deste trabalho tem por base à obrigatoriedade de um comportamento moral e profissional, redigido, por sua entidade de classe, organização, governo competente ou constituição, de acordo com as atribuições da atividade desempenhada.

De forma que ela venha a se adequar aos interesses, lutas ou anseios da comunidade ou clientela beneficiada pelos serviços que serão oferecidos pelo profissional sobre o qual o código terá efeito.

O Técnico em Informática deve ser um profissional eticamente cooperativo e comunicativo, atuante de forma responsável, participativa e empreendedora nas atividades que exerce.

11.1 – CONTEXTUALIZAÇÃO

Leia o texto abaixo:

A andorinha e os outros pássaros[12]

Uma andorinha bem viajada muito aprendeu por onde andou: quem muito viu tem muita lembrança guardada. Acabou se diferenciando dos outros pássaros: tinha uma sabedoria que os outros não tinham e desenvolvera a capacidade de prever os perigos, por menores que fossem.

Um dia, ao ver o camponês semear o cânhamo, ela sentiu o perigo que ameaçava os pássaros. Reuniu todos e os alertou sobre a ameaça que pairava sobre eles: as máquinas, as armadilhas, os homens querendo matá-los ou aprisioná-los em gaiolas.

Os pássaros zombaram dela dizendo que era nos campos que encontravam os alimentos.

Quando as sementes brotaram, novamente a andorinha experiente aconselhou-os:

_ Arranquem broto por broto do que o maldito grão produziu, ou pagarão caro pela sua ignorância.

Os pássaros não acreditaram nas palavras da andorinha e chamaram-na, zombeteiramente, de profetisa do azar, de língua sem trave. Mas a sábia andorinha insistia:

_ Colocarão armadilhas e vocês serão presos, pois, diferentemente dos patos e das outras espécies que migram, vocês não têm condições de procurar outros mundos. Não fiquem confusos, às tontas: recolham-se aos ninhos, ou mudem de clima. Façam como as cegonhas: no final das contas, fujam pelo alto, por cima. Não tentem caminhos incertos: escondam-se nalguma brecha da parede.

12 - Retirado do site: http://momento.sobaoticaespirita.com/andorinhaseoutros.htm

Os pequenos pássaros ouviam sem nada entender, assim como os troianos ouvindo a sibila prever o triste final que os aguardava.

Dito e feito: um número enorme de aves o homem encarcerou.

Só se escuta o que se acha mais conforme, e só se crê no mal quando ele já chegou.

11.2 – REFLEXÃO

Desatenção seletiva é um mecanismo psicológico do ego através do qual utilizamos a percepção como um método de defesa e, dito de modo simples, significa que nós só vemos o que queremos ver. Todos os fatores e resultados de um fato ou acontecimento que não podemos suportar ou admitir, ou seja, tudo que possa desestruturar nossa autoestima ou ser inadmissível ao nosso modo de sentir ou pensar é desviado de nossa atenção.

São funções da atenção: atenção seletiva - o indivíduo escolhe prestar atenção a alguns estímulos e ignorar outros; vigilância - alerta e concentrado, ele espera detectar o aparecimento de algo ou de algum estímulo específico: sondagem - a criatura procura, metódica e ativamente, descobrir algo por meio de exame e observação minuciosos.

Todo ato de entender ou perceber o significado de alguma coisa nos leva a um processo de "atenção seletiva" e/ou "desatenção seletiva". Não obstante, na desatenção seletiva nem todo elemento ou informação da realidade é objeto de percepção, ou melhor, "nem tudo o que se olha é que se quer ou se pode ver".

A atenção é o fenômeno pelo qual processamos uma certa quantidade de informações. No entanto, muitos desses processamentos acontecem sem nosso conhecimento consciente. Os pássaros não acreditaram nas palavras da andorinha e chamaram-na, zombeteiramente, de profetisa do azar, de língua sem trave. Tal qual os "pássaros" desta fábula, são muitos os homens que, por imprudência, são punidos por desprezarem a própria capacidade de intuição e discernimento. Falta-lhes concentração, atenção para si mesmo e para a vida - são dispersivos. Tratam com escárnio e descaso os que conseguem ver e ir mais além. São imaturos e se comportam como crianças.

Dizem pais e professores que, na infância, as crianças prestam atenção em tudo, mas parecem não escutar ou "estar voando" quando o assunto não lhes interessa ou quando são repreendidos. Da mesma forma, são estes "homens": sustentam sua atenção somente para algo imediatista, vivem a seu bel-prazer, agem em função do que oferece vantagem rápida, sem considerar as consequências futuras. Podemos atribuir a eles esta frase: "Só se escuta o que se acha mais conforme, e só se crê no mal quando ele já chegou."

Existem expressões interessantes alusivas ao modo de nos expressarmos no que tange à escolha e às combinações da palavra "atenção": chamar atenção, dar ou prestar atenção, em atenção a, atenção, olhe!; atenção flutuante. Muitas vezes uma ou duas palavras dão mais sentido e significação ao que se quer dizer ou mostrar do que frases imensas.

A atenção é "bússola" que determina a direção que nossos atos e atitudes vão tomar. Ela estrutura a orientação seletiva de nossa maneira de pensar, de julgar, de imaginar e de formar opiniões e pontos de vista diante da vida.

São atributos da atenção: monitorar nossas interações com o ambiente; interligar nosso passado (memórias) e nosso presente (sensação); controlar e planejar nossas futuras ações com base nas informações armazenadas pelos dois atributos anteriores.

Devemos escolher com cuidado para onde estamos direcionando nossa atenção. Nossa existência é constituída por nossas ínfimas atenções do dia a dia e, por consequência, o somatório delas é que determina nossas escolhas.

Elegemos lugares, atividades e amizades, selecionamos ideias, desejos, intenções de fazer ou não algo, a sós ou em conjunto com outras pessoas. Por meio da análise de nossas escolhas do presente, poderemos deduzir os comprometimentos ou implicações no futuro. Elas sempre nos darão enorme leque de opções, tanto que podemos lançar nosso olhar sobre os obstáculos, e vê-los como oportunidades a serem vencidas; sobre os conflitos, e distingui-los como superação de dificuldades emocionais; sobre os sofrimentos, e percebê-los como valiosos objetos de distinção ou determinação dos limites que estabelecem, onde começam e terminam nossos excessos e carências.

A seleção conscienciosa de atividades, situações ou pessoas às quais dedicaremos nossa atenção é tudo o que diferencia homens e mulheres que usufruem a paz e tranquilidade de espírito das criaturas desequilibradas e exaustas. Todos nós somos arremessados diariamente a uma miríade de solicitações que, por si mesmas, geram intenso comprometimento pessoal.

Enorme é a tentação de abraçarmos, de modo superficial e insosso, muitas coisas ao mesmo tempo, quando, na verdade, deveríamos dar atenção às coisas de uma forma mais profunda e intensa.

A atenção total com um número reduzido de atividades e pessoas é mais satisfatória e saudável do que uma atenção dividida com muitas delas. A total atenção ao instante presente é tudo o que enriquece nossa vida. Não podemos ser tudo para todos em todos os lugares. Mas o importante é termos a consciência de ser alguém em nosso próprio lugar.

11.3 - CONCEITOS-CHAVE

a) Seleção

A vida humana é um processo de escolhas, prioridades, preferências, adiamentos e outros tantos fatores. Uma escolha pode levar-nos à eliminação ou à concretização de um sonho. Não nos damos conta da imensa dose de livre-arbítrio - ou seja, da maneira de agir, do modo de proceder. Somos capazes de optar por coisas adequadas que a existência nos oferece, ou nos fixar nas dificuldades que acreditamos ter pela frente. Nos mais diversos tipos de relacionamentos, podemos eleger como trataremos as pessoas e como deixaremos que elas nos tratem; como agiremos, ou como reagiremos ante determinadas situações. Não podemos pôr em dúvida que as escolhas são invariavelmente parte de nosso cotidiano.

b) Discernimento

É sinônimo de bom-senso e considerado a luz que provém da alma. Quem possui semelhante guia interior não se desnorteia nas estradas da existência. Mais que conhecimento racional, o discernimento é uma percepção transcendental que se alicerça nas experiências adquiridas na noite dos tempos. Quem deseja aprender a utilizá-la jamais deve precipitar-se, concluindo as ideias como absolutas; ao contrário, deve procurar examiná-las de modo relativo, observá-las de todos os ângulos possíveis antes de chegar a qualquer definição ou conclusão.

c) Focalização

Focar e focalizar são sinônimos. Significam "pôr em foco; salientar; pôr em evidência". Eis a questão: diversificar a atenção ou simplesmente focá-la? É óbvio que a mente emaranhada a uma única ideia pode nos custar um encarceramento dos pensamentos num círculo restrito e vicioso. Quando diversificamos as ideias e não mais focalizamos uma só (seja ela qual for), rompemos a estagnação em que nos encontrávamos e passamos a operar fora das áreas delimitadas pela fixação mental, expandindo os conteúdos mentais no espaço e no tempo.

11.4 - MORAL DA HISTÓRIA

A ação de fixar a mente em algo requer uma determinada intencionalidade. A nossa atenção impõe um esforço mental para orientar a atividade psíquica em direção a determinado estímulo e mantê-lo dentro do campo perceptivo consciente. No entanto, isso nem sempre acontece, pois, quando ocorre a desatenção seletiva, "simplesmente não notamos ou deixamos escapar uma série enorme de detalhes significativos da nossa vida". Somente acreditamos nas nossas intuições quando o infortúnio já aconteceu. O que a sabedoria previu e poderia amenizar os efeitos de determinadas ações, por negligência deixamos escapar e, por não confiar na fonte sapiencial que há em nós, as ameaças se fazem sempre presentes.

12 – ÉTICA E O TÉCNICO EM INFORMÁTICA

O crescente e acelerado desenvolvimento tecnológico tem levado a sociedade a refletir sob os aspectos éticos relativos à atuação do profissional da informação. O desenvolvimento das relações de trabalho, a globalização, clientes mais exigentes, tudo isso contribui para a necessidade de estudos sobre o perfil do profissional da informação e como deve ser a sua postura no exercício de sua atividade profissional.

Segundo José Augusto Chaves Guimarães:

> *A Ética Profissional tem por objeto o conjunto de valores que uma determinada classe profissional deve se orientar e seguir para alcançar um "agir profissional" correto e adequado para com a sociedade em que se insere e, no mais das vezes, materializa-se por meio de regras, expressas em códigos de ética, orientadores da conduta profissional de um dado segmento.*

Um código de ética consiste num conjunto de diretrizes/normas que devem ser seguidas ou exemplos de conduta que possam auxiliar na resolução de situações novas. Também serve de base para julgamento de casos específicos ou mais complexos, utilizando sempre os princípios éticos gerais. Auxilia na interpretação do fato e na análise da respectiva conduta. As regras devem ser claras e dispor sobre os atos obrigatórios, facultativos e proibitivos.

O Profissional de Informática, quando executa determinada tarefa, não raras vezes se depara com dilemas éticos. A complexidade das atividades da área leva a desconhecidas possibilidades de ação e a ocorrência de eventuais danos. Quando, em um caso concreto, há divergência de opiniões ou condutas entre as pessoas envolvidas, as disposições de um código de ética entram em ação para balizar a ação dos indivíduos.

Para com a classe: proteger os interesses da classe e seus membros.

Para com os clientes: quando o profissional é um consultor ou prestador de serviços e trata com clientes leigos.

Para com os empregadores: quando os empregadores não têm conhecimento técnico da área e a relação com o empregado se baseia apenas na confiança.
Para com os colegas de profissão: regular os mesmos interesses, auxiliando, assim, a todos. Para com a sociedade: evitar que a profissão não seja mal vista.

12.1 - OS 10 MANDAMENTOS PARA ÉTICA NA INFORMÁTICA

O Instituto para Ética da Computação criou um pequeno Código de Conduta, conhecido na área como "Os 10 mandamentos para Ética na Informática" .

1 - Não deverá utilizar o computador para prejudicar terceiros.
2 - Não deverá interferir com o trabalho informático de terceiros.
3 - Não deverá vasculhar os ficheiros informáticos de terceiros.
4 - Não deverá utilizar o computador para roubar.
5 - Não deverá utilizar o computador para prestar falsos testemunhos.
6 - Não deverá utilizar ou copiar software pelo qual não pagou.
7 - Não deverá utilizar os recursos informáticos de terceiros sem autorização.
8 - Não deverá apropriar-se do trabalho intelectual de terceiros.
9 - Deverá pensar nas consequências sociais daquilo que escreve.
10 - Deverá utilizar o computador com respeito e consideração por terceiros.

Capítulo 1

1 - O que pretendeu a ética na Antiguidade?

Entender a ética como o estudo dos meios de se alcançar a felicidade e investigar o que significa felicidade.

2 - O que pretendeu a ética na Idade Média quando influenciada pelo islamismo e cristianismo, e em seguida pelo renascimento?

Redescobrir os temas éticos da antiguidade e retomar à ação de estudar os meios de se alcançar o bem-estar e a felicidade.

3 - O que pretende a ética na Contemporaneidade?

Com o surgimento dos mais diversos meios de comunicação e acesso ao conhecimento, a ética tornou-se matéria independente em busca de explicações que justifiquem os costumes de um determinado agrupamento humano; fornecendo embasamento para a solução de seus dilemas morais mais comuns, o ponto de vista do bem e do mal, do certo e do errado no desempenho dos papéis sociais.

CAPÍTULO 2

1 - Analise a figura abaixo e estabeleça relação com o que você aprendeu no capítulo 2.

Para descrever o que é assédio moral basta pensar no conjunto de todas as práticas abusivas que possam por em risco seu emprego, sua integridade moral e trazer danos psicológicos, colocando a pessoa em situações insuportáveis dentro do ambiente de trabalho. Em geral as pessoas que praticam o assédio são manipuladoras e abusam de seu poder ou posição. O assédio moral é caracterizado pela repetição dos atos que em geral atingem o empregado com o interesse de prejudicá-lo, na maioria dos casos o assediado chega a um quadro que compromete sua saúde depois de excessivas repetições das agressões, dor de estômago, ansiedade, distúrbios psicossomáticos e estresse são apenas alguns dos problemas que essa falta de conduta dos chefes pode causar.

Também pode acontecer o assédio de pessoas que não ocupam a posição de chefia, é muito importante que o agredido procure seus direitos para que sejam diminuídas essas situações humilhantes no ambiente de trabalho.

2 - Como se caracteriza o assédio moral e por quem, geralmente, o assédio moral é praticado?

O assédio moral praticado por pessoas que ocupam cargos de chefia se caracteriza nas ações baseadas no uso de palavras de baixo calão, de difamação, da grosseria, da rotulação negativa ou diminutiva quanto à capacidade intelectual.

CAPÍTULO 3

1 - Qual é a importância das emoções no comportamento humano?

O aspecto mais impressionante é a sensação que ela produz de imediato, numa experiência de medo, raiva, depressão, satisfação ou alegria.

2 - Qual é a hierarquia do comportamento humano segundo Maslow?

R - Na base a fisiologia, no primeiro andar a segurança, no segundo o amor/relacionamento, em terceiro a estima, e no topo a realização pessoal.

CAPÍTULO 4

1 - Em que se baseia o comportamento ético?

R - Nos valores morais.

2 - Por que na contemporaneidade as empresas e os profissionais devem agir de acordo com o comportamento ético?

R - Quanto mais a empresa preocupar-se com o próprio comportamento ético e de seus funcionários, mais o ambiente em que as pessoas exercem suas atividades será de realização, segurança e credibilidade. Além da organização passar a ter uma referência respeitável na sociedade da qual estiver inserida.

CAPÍTULO 5

1- Qual é o papel da família na sociedade?

R - Os papéis são, "as expectativas de comportamento, de obrigações e de direitos que estão associados a uma dada posição na família ou no grupo social" (DUVALL; MILLER cit. por STANHOPE, 1999; p. 502).

2 - Como se caracteriza a família?

R - Caracteriza-se pela função primordial de proteção, tendo, sobretudo, potencialidades para dar apoio emocional para a resolução de problemas e conflitos, podendo formar uma barreira defensiva contra agressões externas.

CAPÍTULO 6

1) O que é sociedade?

R - É o agrupamento de pessoas com os mesmos propósitos, costumes, cultura e tabus interrelacionando-se no desenvolvimento e continuidade através das gerações.

2) Existe conflito em sociedades?

R - Sim, o conflito surge da necessidade de regras sociais, pois o convívio, a interação e o posicionamento de seres humanos mesmo que pertencentes ao mesmo grupo geram divergências. Geralmente as divergências são solucionadas com regras estabelecidas desde os gregos e que se conhece como leis, estatutos, regimentos e normas.

CAPÍTULO 7

1 - O que é profissão?

R - A profissão é o papel individual a ser desenvolvido no decorrer de uma existência em sociedade. Atividade considerada honesta a ser exercida em interação com outros em benefício próprio desde que em conformidade com a própria vocação e em a dignidade da pessoa humana.

2 - Pelo que são regidas algumas profissões?

R - Pelo Código de Ética.

CAPÍTULO 8

1 - O que é trabalho?

R - Trabalho é a execução da profissão especializada na sociedade, intitula-se quem exerce a função de trabalhador. O trabalho exige do trabalhador concentração, repetição, empenho, energia e atenção.

2- O que prioriza a ética no trabalho?

R - Prioriza a força de trabalho não ser explorada exaustivamente ou de forma desumana em grupo ou individualmente.

CAPÍTULO 9

1 - Por que o exercício da profissão é um campo fértil para o exercício da ética?

R - Porque é através do Código de Ética que o profissional pode aplicá-lo na vida profissional. As decisões são baseadas nas reflexões de princípios éticos. Em muitas situações a discriminação, o preconceito impede a existência de um espaço conciliador de diversidades humana.

2 - O que pode acontecer em consequência da falta de ética no exercício da profissão?

R - Os resultados são negativos quando a vida pessoal de um dos integrantes do grupo estiver prejudicando o bom desempenho, esse profissional não se sentirá a vontade para solicitar auxílio dos seus superiores por não identificar a ética no exercício da profissão.

CAPÍTULO 10

1) O que o estudioso GUSMÃO afirma sobre ética e direito?

R - Para GUSMÃO, as civilizações antigas não distinguiam o direito da moral e da religião. Para eles o direito e os costumes sociais eram a mesma coisa. Moral, religião e direito confundiam-se. Nos códigos antigos, encontram-se não só preceitos jurídicos, como, também, prescrições morais e religiosas. O direito naquele tempo ainda não havia adquirido autonomia, talvez porque, nas sociedades antigas, a severidade dos costumes e a coação religiosa favoreciam o que o direito só conseguiu mais tarde, com muita coerção.

2) O que sugere o estudioso BENTO?

R - Para BENTO (2003) reconhecer a realidade de discriminação e preconceitos em que se vive, é atuar para transformá-la. Não fazê-lo é uma evidência concreta de que algum benefício se tira da situação em que se encontra. E por isso, a resistência à mudança. Mudar, por exemplo, no sentido de reconhecer que muitas vezes aquilo que, orgulhosamente, se classifica como mérito é, de fato, um privilégio.

Referências Bibliográficas

ADOLFO, Sanchez Vázquez. *Ética*. 15º Ed. Rio de Janeiro: Ed. Civilização Brasileira, 1995.

ARRUDA, M.C.C. *Código de Ética*: um instrumento que adiciona valor. São Paulo: Negócio Editora, 2002.

BITTAR, Eduardo V. B. *Curso de Ética Jurídica*. São Paulo: Ed. Saraiva, 2004.

FERREIRA, Buarque de Holanda. *Minidicionário Aurélio*. 4ª ed. Rio de Janeiro: Ed. Nova Fronteira, 2001.

GUSMÃO, Paulo Dourado. *Introdução ao Estudo do Direito*. 39º Edição. 2007.

JACOMINO, D. *Você é um profissional ético?*.VOCÊ S/A. São Paulo, n. 25, pg.28-37, jul. 2000.

NALINI, José Renato. *Ética Geral e Profissional*. São Paulo: Ed. Revista dos Tribunais, 2002.

VALLS. ÁLVARO L. M. *O que é Ética*. 9º ed. São Paulo: Ed. Brasiliense,1994.

Bibliografia Sugerida

LEISINGER, K. M. e SCHMITT, K. *Ética empresarial: responsabilidade global e gerenciamento moderno.* Petrópolis: Vozes, 2001.

MINUCHIN, Salvador – *Famílias: Funcionamento & Tratamento.* Porto Alegre: Artes Médicas, 1990. p. 25-69.

SARACENO, Chiara. *Sociologia da Família*. Lisboa: Estampa, 1997.

VÁZQUEZ, A. **Ética**. 23ª ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2002. Acesso em 10/03/2011. http://sinditestrs.br.tripod.com/CodigoEtica.pdf

alfamacursos.com.br